

Museu do Amanhã e Fondation Engie apresentam

ENTRE MUSEUS ACESSÍVEIS

NARRATIVAS DA DIFERENÇA E
EXPERIMENTAÇÕES COMPARTILHADAS

Histórias contadas por educadores,
participantes e membros da
Comissão Entre Museus Acessíveis



Museu do **Amanhã**

Fondation **ENGIE**

APRESENTAÇÃO



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração da apresentação.



Quantas pessoas do seu convívio já visitaram museus?

Se você também já visitou, como se deu a relação com esse espaço e com as pessoas que lá estavam?

Você lembra quem ou como eram essas pessoas?

Quais narrativas eram contadas nas exposições?

Pare por um momento e pense sobre isso.

Aqui você encontrará alguns relatos, proposições, pensamentos, causos e conversações sobre um ano de experiências e visitas realizadas no Museu do Amanhã, no Museu da República e no percurso entre eles, com o objetivo de fortalecer o respeito às diferentes formas de vida e existência, compreendendo-as como presenças políticas necessárias.

Chamamos esse conjunto de **ENTRE MUSEUS ACESSÍVEIS**: uma vertente metodológica do projeto ENTRE MUSEUS* para democratização dos acessos à cultura junto à pessoas com deficiência, iniciada em 2022.

Segundo Mia Mingus (2011), a justiça da deficiência implica que “acesso” deveria ser uma responsabilidade coletiva ao invés de ser só designada a um ou dois indivíduos. O capacitismo é um conceito complexo e que marca socialmente determinados corpos como mais capazes do que outros. São as lutas anticapacitistas que evidenciam a noção de que o conceito de corponormatividade compulsória e estrutural, cria uma opressão para os corpos não inseridos nessa lógica.

É com esperança no fortalecimento de políticas e práticas coletivas que o projeto consiste em convidar pessoas com deficiência visual e pessoas surdas (com a popularização da Língua Brasileira de Sinais) para visitas mediadas no Museu do Amanhã, em um museu parceiro e nos percursos históricos entre estes Museus através de bicicletas acessíveis. Ocupar os espaços públicos como as ruas e os museus é evidenciar as estruturas que expulsam corpos que desafiam a corponormatividade e, nesse sentido, ocupar é um posicionamento e reafirmação das múltiplas existências possíveis no mundo que marcam com a presença, o direito de viver coletivamente.

*O ENTRE MUSEUS foi criado como um projeto de fomento à visitação aos museus da Cidade do Rio de Janeiro, e de formação cultural contínua para um público jovem através do intercâmbio entre museus, entre os museus e o público, e entre museus e a cidade. Com uma programação semanal, o Museu do Amanhã convida jovens estudantes da Região Portuária, a visitarem não somente o Museu do Amanhã, mas outros museus da cidade.

Compreendemos que o contato com o espaço museal e com a rua agregam, principalmente às pessoas com deficiência, novas possibilidades de convivência. Muitos espaços como a rua e os museus, ainda possuem inúmeras barreiras e camadas de exclusão. Além disso, temos como dever considerar que a qualquer pequena intervenção, execução de uma atividade, ação ou prática inclusiva ou fundamentalmente acessível, deve-se levar em consideração não só os públicos que poderão usufruir dessas propostas, mas também aqueles que desenvolvem e estruturam seus espaços para que esses e quaisquer públicos possam chegar.

Ou seja, trata-se de reconhecer as pessoas com deficiência como propositoras e não apenas como mero público passivo e receptor de proposições quase sempre elaboradas sem sua presença, participação e interesse. É preciso que essas pessoas se infiltrem nas entranhas destas instituições ocupando diferentes frentes para a construção de ações comprometidas com a diversidade de seus públicos. Afinal de contas, é a partir da diferença que podemos imaginar uma política anticapacitista.

De encontro a isso, a implementação do Entre Museus Acessíveis é precedida pela formação da *Comissão Entre Museus Acessíveis* composta por pessoas com deficiência e sem deficiência, ativistas e atuantes neste campo de pesquisa para análise, proposição, formação e diálogo sobre ações educativas e outros caminhos para o projeto; além de educadores, atuantes no Museu do Amanhã, também como articuladores e proponentes desses processos experienciais. Dessa forma, criamos uma rede de acessibilidade comunicacional, estética, metodológica,

atitudinal e comprometida com práticas que contribuem para a convivência e ocupação de pessoas com deficiência nesses espaços de direito.

Esta publicação é uma celebração e uma pequena cápsula de memória-registro de encontros, conversas, desejos, lutas, tensões, conflitos, conquistas entre outras intenções que, ao se firmarem em palavras, pretende-se permear outros espaços e corpos com o intuito de ampliar políticas e práticas acessíveis, anticapacitistas e interseccionais.

O projeto Entre Museus Acessíveis é uma realização do Museu do Amanhã, patrocinado pela Fondation Engie.

Boa leitura.

Camila Oliveira
Colaboração **Hérica Lima**

SUMÁRIO

01 — POR QUE ISSO IMPORTA?

Interações e reflexões da Comissão Entre Museus Acessíveis

1.1 Carta aberta ao mundo da cultura

Camila Alves e Marcia Moraes

1.2 Experiência como processo de aprendizagem: Entre Museus Acessíveis no Museu da República

Isabel Sanson Portella

1.3 Entre Museus Acessíveis: acessos, afetos e implicações

Leonardo Oliveira

1.4 Acessibilidade em Museus: ideias e práticas em construção

Rafaela Vale

1.5 No fluxo das chegadas, passagens e partidas: vivenciando novas e possíveis experiências acessíveis e inclusivas

Hilda Gomes

1.6 Acessibilidade museal: estratégia de Tecnologia Assistiva para surdos

Bruno Ramos e Tatiane Militão

1.7 Projeto Entre Museus Acessíveis: um caminho possível para amplificação das experiências de distintos públicos

Valéria Regina Abdalla Farias

02 — TRILHAS E CAUSOS: CAMINHOS E REVERBERAÇÕES DE MEDIAÇÃO NOS MUSEUS E NA RUA

2.1 Desafios e experiências no posicionamento do educador surdo no Museu do Amanhã e no Museu da República com diferentes públicos

Bruno Baptista

2.2 O toque como experiência sensitiva e a importância da representatividade em espaços culturais

Eduarda Emerick

2.3 Para além da visita: reflexões sobre as interações público-museu com pessoas cegas e baixa visão

Liz Martins e Paula Scofano

2.4 Incisões de Tumi ou percursos de elaboração do roteiro de visita do Entre Museus Acessíveis com pessoas cegas e de baixa visão + Quipucamayoc: pequeno manual de leitura de um quipú

Diego Xavier

2.5 Museu da República: relato de experiência

Pâmela Mendes

2.6 Representatividade, Coletividade e Pertencimento: relatos de participantes do projeto

Paula Scofano

2.7 Entre Museus Acessíveis: um relato

David Alfredo

03 — CRÉDITOS



01

POR QUE ISSO IMPORTA?

Interações e reflexões
da Comissão Entre Museus
Acessíveis

Carta aberta ao mundo da cultura

Camila Alves e Marcia Moraes



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



Rio de Janeiro, 31 de outubro de 2022.

Carta aberta ao mundo da cultura,

Essa carta é escrita para você que ainda pergunta: para que nos preocuparmos com a acessibilidade se não há nenhuma pessoa com deficiência neste espaço cultural, neste museu? É com você que gostaríamos de falar para te dizer, não, não está tudo resolvido porque há uma placa tátil na sua exposição. E não é para “esperar” uma pessoa que necessite de algum recurso de acessibilidade chegar ao museu para só então buscar o recurso. Por que te dizemos isso?

Porque somos duas mulheres que integram o projeto Entre_Museus Acessíveis, realizado no ano de 2022, numa parceria entre o Museu do Amanhã e o Museu da República no Rio de Janeiro.

Uma de nós é uma mulher branca, cega, usuária de cão guia, autora de um livro sobre acessibilidade estética, que sugerimos com ênfase que você leia (Alves, 2020). Já a outra, é uma mulher sem deficiência, branca, que há anos se articula na luta por um mundo anticapacitista por meio de suas atividades como docente, numa universidade pública do Rio de Janeiro, orientando trabalhos que abordam a questão da acessibilidade estética.

É a partir deste nosso lugar, que te dizemos: é urgente levar adiante projetos de acessibilidade em todos os espaços culturais do nosso país. É urgente. Na entrada do Museu do Amanhã, não sei se você reparou, tem uma frase escrita na parede que diz assim: “O amanhã é hoje. E hoje é o lugar da ação”. Esta é uma frase que toca o cerne do que queremos te dizer. O tempo do adiamento não pode mais existir. A acessibilidade é para ser feita hoje, agora. Não podemos mais, não queremos mais, compactuar com a convicção de que nem todos podem ocupar o espaço do museu. Esta convicção excludente está inscrita materialmente em cada exposição que impõe, por exemplo, um circuito inteiramente visual, como se todas as pessoas do mundo pudessem percorrê-lo da mesma forma, do mesmo jeito. Não podem. Não planejar as ações de acessibilidade é compactuar com as exclusões capacitistas que são perpetradas cotidianamente contra os corpos não normativos.

É justamente como insurgência, como ação política transformadora deste estado de coisas, que é necessário seguirmos adiante, ampliando e consolidando ações como as do Entre_Museus Acessíveis, cujo fio condutor foi justamente o de fazer a acessibilidade como um ação estética que abarca

corporalidades diversas no espaço do museu. Acessibilidade estética? Do que estamos falando quando afirmamos que o fio condutor do Entre_Museus Acessíveis foi o de promover a acessibilidade estética?

Para começar a responder a estas perguntas, te contaremos as histórias de nossas visitas ao Museu do Amanhã.

A ida ao Museu começava já na expectativa do ônibus, que viria nos buscar em Niterói. Era um dia nublado e frio. Marcamos um ponto de encontro em frente à Estação das Barcas, um ponto central para todas nós da Pesquisa Perceber sem Ver^[1]. Cheguei uns 10 minutos antes do horário marcado e já estavam lá algumas pessoas do grupo, algumas cegas, outras com baixa visão. Enxergantes éramos eu, uma aluna e a mãe de uma das mulheres com baixa visão que fazia a visita ao museu. O traslado para o Rio de Janeiro foi realizado em clima de alegria e conversas. Tão logo chegamos ao nosso ponto final, uma equipe do Museu do Amanhã veio nos receber, havia ainda um caminho a ser percorrido a pé. Como algumas pessoas do nosso grupo tinham mobilidade reduzida, para elas foi ofertado um carrinho que as levou até a porta de entrada do Museu. Em pouco tempo já havia um grupo de umas 20 pessoas reunidas na porta do Museu. Algumas tinham indo direto para a porta do Museu. Havia mais pessoas que não eram da pesquisa, eram amigas e conhecidas de pessoas do grupo. Entramos. Uma roda imensa na porta do Cosmos, a primeira obra que visitaríamos. No centro da Roda, os educadores

[1]. A pesquisa Perceber sem Ver é coordenada por Marcia Moraes e se realiza na Universidade Federal Fluminense, no Serviço de Psicologia Aplicada (Campus Niterói). É uma atividade que ocorre semanalmente, em grupo, reunindo pessoas cegas e com baixa visão. Através de práticas de experimentação corporal e de rodas de conversa, a pesquisa visa promover articulações entre corpo, deficiência e narrativas insurgentes.

do Museu nos recebiam, nos acolhiam e contavam, poeticamente, uma história sobre a origem do Mundo. Uma narrativa poética que envolvia a natureza numa trama muito bonita. Entre nós havia silêncio e encantamento. Já dentro da sala do Cosmos, algumas pessoas preferiram ficar deitadas, outras sentadas. Em pouco tempo, a sala era tomada por sons e imagens que se projetavam numa tela em 180 graus acima de nós. Notei que os educadores se aproximavam delicadamente das pessoas com deficiência visual e perguntavam se elas gostariam de escutar a descrição das imagens. Num movimento muito bonito de ficarem ao lado das pessoas, os educadores se abaixavam e sussurravam ao pé do ouvido a descrição do que aparecia na tela. A sala estava povoada por um afeto bom. Éramos parte de uma história que se tecia com a narrativa poética da entrada, as imagens, os sons, os sussurros. Tão logo terminou a projeção, notei que a parceira de pesquisa que estava ao meu lado, mulher cega, tinha lágrimas nos olhos. “Me emocionei demais, Marcia. Eu senti as imagens muito perto de mim”, ela comentou. Fomos nos levantando devagar, umas ajudando as outras. Logo esbarramos em outra parceira de pesquisa, também cega. “Nem quando eu enxergava tive uma experiência num museu como esta que vivi aqui”. Estamos no coração de uma revolução, eu pensei. Revolução estética, afetiva, sensível. Saímos do Cosmos rumo às demais obras que nos esperavam. Ali foi só o começo da revolução.

O Entre_Museus Acessíveis lança mão do modelo social da deficiência que, por certo, é uma perspectiva importante na luta por uma sociedade mais justa, que abarque corpos diversos. Para o modelo social, a deficiência está nas barreiras que a sociedade impõe aos corpos com deficiência e não nos corpos.

É uma mudança de perspectiva, de gramática, muito decisiva na definição da deficiência que passa a ser afirmada como um problema social, coletivo e não individual. Há, no entanto, um ponto neste modelo social, em sua primeira versão, que será retificado pelas feministas e ativistas da deficiência. Em sua primeira versão, o modelo social reivindica certa ideia de independência, de tal modo que a supressão das barreiras promovida, por exemplo, por recursos de acessibilidade, faria com que pessoas com deficiência fossem auto-suficientes, produtivas. Ora, perguntam-se as feministas, este ideal de independência serve a quem? E para que? Trata-se, em última instância, de uma concepção que valoriza corpos produtivos, uma concepção capitalista que exclui corpos que não irão alcançar este ideal normativo, nem com todos os recursos de acessibilidade. A questão que as feministas colocam, abre outras perspectivas, como o cuidado como prática horizontal, um cuidado mútuo que define aquilo que somos e que se faz presente de modo crítico no campo da deficiência.

Para a perspectiva feminista, dependência não é sinônimo de fracasso. O que se afirma é que a interdependência é intrínseca à vida humana. Desse modo, as feministas “apostam na experiência positiva de conexão que podemos experimentar por meio da dependência” (KITTAY, 2011, p. 57, tradução nossa). E nós aqui te perguntamos: não foi exatamente isso o que vivemos na experiência do Cosmos?

Sintonizadas com a perspectiva feminista da deficiência, convidamos vocês a pensarem em modos de planejar e propor acessibilidade, uma acessibilidade que seja feita nos laços, nas conexões, nos encontros, uma acessibilidade que aposte numa transformação mútua de todos os atores envolvidos,

uma acessibilidade que se faça numa política de cuidado, uma acessibilidade, em última instância, estética. Nessa direção, é importante afirmarmos que apostamos em uma acessibilidade que parta da interdependência como ponto central da nossa corporalidade.

Segundo Alves e Moraes (2019), a interdependência é nosso destino e nossa ontologia. Algumas autoras feministas salientam que é preciso afirmar tal interdependência na radical heterogeneidade, isto é, dependemos uns dos outros, sejam humanos ou não humanos. Quanto mais múltiplas e heterogêneas são as conexões que nos constituem, mais ampliada é a nossa capacidade de agir. A questão da acessibilidade não diz respeito, portanto, a um ideal de independência – jamais atingido, mas a uma imersão nas mais diversas e heterogêneas conexões. Afirmamos que é apenas a partir das discussões sobre cuidado, interdependência e potencialidades dos corpos que podemos pensar em uma acessibilidade estética (Alves e Moraes, 2019).

É por esse motivo que apostamos no Entre_Museus Acessíveis como uma ferramenta de acessibilidade estética, uma ação que promove conexões entre pessoas com deficiência, a cidade, os museus, as sensorialidades trazidas pelo deslocamento feito em bicicletas e bicicletas que se abrem para receber diversos corpos. Longe da meta de ser uma ação que nos faça agir sozinhos, esse projeto é um enorme emaranhado de humanos e não humanos, que em conexão, ocupam museus e cidade.

Não sabemos se vocês sabem que todos os espaços culturais e museais trazem consigo um setor educativo. O setor educativo é responsável pelo acolhimento do público que chega ao museu -

tendo marcado uma visita ou não - a depender do funcionamento de cada espaço.

Os profissionais atuantes nesses espaços são historicamente conhecidos como guias, mas há também espaços que trabalham com educadores ou ainda espaços em que os profissionais destes setores são conhecidos como mediadores. Cada um desses cargos traz consigo um jogo de forças, práticas e políticas distintas e dizemos isso para que não pensem que se trata de uma mera troca de palavras para nomear uma mesma função.

Seguindo as pistas lançadas por Miriam Celeste, afirmamos a força da prática de mediação no campo da acessibilidade . Para a autora, a mediação é a ação de transitar, articular (2014). Ultrapassando a idéia de mediação como ponte, Celeste nos coloca para compreender a mediação com um “estar entre muitos”. (Alves, 2020).

Mediação é encontro, é ampliação de conhecimento, é ir ao encontro do repertório e dos interesses do outro, é conectar conteúdos e interesses, é ir além dos conteúdos, é aproximar, refletir experiências e compartilhar, é diálogo, conversação, provocação. Miriam Celeste Martins (2014) defende que as propostas éticas e estéticas de uma mediação cultural são de grande importância para que as experiências propostas pelo núcleo de educação de um museu aconteçam. Como salienta Camila Oliveira Andrade (2020), quanto mais as experiências propostas forem interativas, quanto mais levarem em conta o visitante, sua participação, considerações e pontos de vista, mais transformadoras elas podem ser.

Para nós, a mediação, tal como a definimos nas linhas anteriores, é uma das vias importantes para a promoção da acessibilidade estética. Mas há ainda um outro ponto importante. É o que nos leva a uma acessibilidade que não seja puramente técnica, mas que seja capaz de acolher, de levar em consideração o outro, entender que o acolhimento é uma maneira de propor, de provocar uma experiência, de estar entre muitos e, portanto, estar em relação com quem chega.

Desse modo, também reafirmamos uma proposição não técnica da acessibilidade que, ao invés de oferecer regras universais a serem seguidas, ofereça histórias, como a que nos foi ofertada, poeticamente, na entrada do Cosmos. Entre esta história e aquela que é narrada por meio das imagens e sons que compõem o interior do Cosmos, o que havia era um elo sensível, uma interpretação: um gesto político e estético de tornar acessível uma obra de arte.

Em uma proposição não técnica da acessibilidade investimos, coletivamente, no ato de contar histórias para aprendermos sobre o que não sabemos, para compartilhar o que aprendemos nesses encontros nos espaços museais, para levar adiante as histórias que se tecem nos encontros de mediação. Assim, contar histórias é mais uma ferramenta importante para uma acessibilidade estética. Narrar é um ato político que torna o mundo mais denso, mais povoado de histórias. É um ato que alarga nosso mundo para além das histórias únicas (Adichie, 2009) da deficiência como incapacidade.

Histórias são frutos de encontros, são tecidas coletivamente, mas na proposição que fazemos, indicamos também que colhendo e contando histórias podemos nos ajudar e nos preparar para

esses encontros. As histórias a serem narradas e compartilhadas a partir da mediação são sempre locais, singulares. Não há como generalizar um procedimento “imutável” de um lugar para outro. É preciso, porém, tomar essas histórias como trajetórias sensíveis que possam se conectar a outros contextos, a outros cenários. Não como uma totalidade fechada, mas como faíscas, fagulhas que interroguem outras pessoas, outros corpos mobilizados pela questão da acessibilidade, em especial da acessibilidade estética. (Alves e Moraes, 2019). Se, a partir desse texto, uma fagulha sensível puder conectar-se em outro cenário para articular ações de acessibilidades estéticas, singulares, situadas, então alguma coisa terá se deslocado da nossa experiência no campo da acessibilidade.

É urgente considerar que todos nós, sem exceção, temos, um corpo. Tomar esse corpo com suas marcas, com suas histórias, com suas possibilidades e sensorialidades como ponto de partida é uma prática de cuidado e de acolhimento. A acessibilidade é, portanto, uma construção coletiva, uma ação que investe nos laços e nas conexões, que parte do corpo com suas marcas e histórias, com seus mundos possíveis; acessibilidade estética é também uma prática de cuidado e acolhimento.

Há um ponto muito decisivo na proposição de uma acessibilidade estética. Por certo, existe um planejamento, uma organização que precisa ser feita antes do encontro. Este planejamento, esta temporalidade do “antes” é necessária, mas não suficiente. Porque o tempo da acessibilidade envolve sempre – e necessariamente, o agora, o encontro com as pessoas que se beneficiam da acessibilidade. Com isso queremos dizer que a acessibilidade não se esgota numa fazer *para* as pessoas

com deficiência. Ela é inequivocamente feita COM pessoas com deficiência, num duplo sentido. Tanto na composição da equipe com pessoas com corporalidades diversas, quanto no encontro com o público. Como dissemos, o encontro com o público refaz, retifica, acrescenta, modula o que foi planejado. É preciso uma sensibilidade ativa, atenta, para colher os efeitos desse encontro e refazer caminhos, quando necessário. Assim, há um trabalho a ser feito no depois de cada visita ao museu, de cada encontro. Neste sentido, a temporalidade numa ação de acessibilidade não é linear, é cíclica, é cheia de idas e vindas, de retomadas e reposicionamentos. O fazerCOM (Alves, 2020) é uma direção constitutiva da acessibilidade estética como ação com pessoas com deficiência, não sobre a deficiência, nem exclusivamente para pessoas com deficiência.

O caminho da acessibilidade é o de aleijar o mundo. Usamos esta palavra “aleijar” de modo deliberado, crítico, disputando o sentido de uma palavra que, sabemos, tem uma conotação ofensiva. Foi com Marco Antônio Gavério (2015, 2020) que aprendemos que a palavra aleijado vem de *crip*, em inglês e retoma o termo pejorativo *cripple*, traduzido como aleijado. Como é proposto pelo Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, no documento intitulado “Contracartilha de acessibilidade: reconfigurando o corpo e a sociedade” (2020), aleijar “tem o sentido de descolonizar, mutilar, contundir o pensamento hegemônico sobre deficiência, acesso e inclusão provocando-lhe fissuras” (p.4). A aposta é em um processo transformação deste mundo em um mundo mais justo para mais pessoas, mais animais, mais corporalidades diversas. Eis aí um sentido forte, potente, para uma palavra até então tomada apenas como ofensa.

Neste ponto, relembramos fragmentos da experiência vivida por uma de nós, com o cão-guia Astor, no Entre_Museus Acessíveis:

Enquanto alguns tiram os nossos direitos e tentam nos devolver miseravelmente para dentro de nossas casas e instituições, outros nos convidam para ocupar as ruas, os museus, os espaços de vida coletiva. A vida que fiz no “Entre_Museus Acessíveis” junto com o Astor foi memorável, um dia para nunca mais esquecer. Neste dia, a visita externa de bicicleta nos levou da Praça Mauá para o Palácio do Catete, com paradas em pontos históricos importantes do caminho que percorremos até lá. Em cada parada, as histórias dos lugares se multiplicavam, com narrativas em Libras, em voz, propostas pelos mediadores em parceria com as pessoas que ali estavam. Para quem é deficiente, é fácil compreender como a tentativa de nos separar de nossas espécies companheiras, como as cadeiras de rodas, bengalas, cães guias, é sempre muito violenta e imobilizadora, além do fato de nos restringir (ou impossibilitar) corporalmente em nossos movimentos. Uma das passagens mais belas desta visita foi ter podido pedalar com Astor, meu cão guia. Foi ter podido ir com ele, partilhar dessa visita com ele, minha espécie companheira. Uma bicicleta aleijada, uma visita aleijada, corpos que juntos aleijam uma cidade. A proposta de uma mediação estética, que incluía todos os humanos e não humanos que compõem nossas vidas, nossas existências, eis aqui um ponto alto do projeto Entre_Museus Acessíveis.

Para encaminharmos o fim desta escrita, retomamos a pergunta inicial deste texto: Para que nos preocuparmos com a acessibilidade se não há nenhuma pessoa com deficiência neste

espaço cultural, neste museu? Será que tem acessibilidade só porque há uma placa tátil numa sala de exposição? O que temos a dizer é que se você não pensa em um projeto de acessibilidade, de aleijamento das ações e instituições ou se você ignora a existência das pessoas com deficiência, então você está assinando e produzindo um mundo violento, excludente e opressor.

A deficiência é uma condição que constitui a existência humana de pessoas com e sem deficiência, reconhecer o lugar de todes nessa luta, é se posicionar de modo interdependente, ético e estético num mundo para mais e mais corpos. É para este mundo que nós te convidamos, porque ele existe no “hoje é ação” do Entre_Museus Acessíveis.

Com afeto,

Camila Alves e Marcia Moraes

Para saber mais — Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. TedTalks 2009. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html . Acessado em 06/09/2015.

ALVES, Camila. **E se Experimentássemos Mais? : Contribuições Não Técnicas de Acessibilidade em Espaços Culturais**. Curitiba: Appris, 2020.

ALVES, Camila Araújo & MORAES, Marcia. “Proposições não técnicas para uma acessibilidade estética em museus: Uma prática de acolhimento e cuidado ”. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 19 (2): p.

484-502, 2019.

ANDRADE, Camila Oliveira. **Como começa um museu? Um estudo sobre os reflexos da interação entre museu e público**. Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2020.

COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Contracartilha de acessibilidade: reconfigurando o corpo e a sociedade**. ABA; ANPOCS; UERJ; ANIS; CONATUS; NACI: Brasília; São Paulo; Rio de Janeiro, 2020. 14p.

GAVERIO, Marco A. Medo de um Planeta Aleijado? ? Notas Para Possíveis Aleijamentos Da Sexualidade. Áskesis - **Revista dos Discentes do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 4, p. 103-117, 2015.

GAVERIO, Marco A. De volta para o futuro? A volta à normalidade e o mundo pós-epidemia? **Contemporânea** (ONLINE), v. 10, p. 435-442, 2020.

HONORATO, Cayo. Usos, Sentidos e Incidências da Mediação/ Questões de Vocabulário. **Trabalho Apresentado no Congresso Nacional da ANPAD**, 2012, Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/cayo_honorato.pdf . Acessado em 20/05/2015

KITTAY, Eva, The Ethics of Care, Dependence, and Disability. **Ratio Juris**. Vol. 24 No. 1, p. 49-58, 2011.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. **Revista Gearte**. Volume 1, Número 2, p. 248-264, Agosto/2014.

Experiência como processo de aprendizagem: museus acessíveis no Museu da República

Isabel Sanson Portella



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



A museologia que não serve para a vida, não serve para nada.
(MINOM, 2017)

A parceria mais importante que já fiz no campo da acessibilidade começou com o encontro-convite feito por Camila Oliveira (educadora e autora do projeto Museus Acessíveis). Com muito orgulho gostaria de, nesse depoimento, descrever tudo que ele representou.

Num primeiro momento, fiquei extasiada e angustiada. Muito feliz em desenvolver uma parceria tão interessante que, sem toda a infraestrutura oferecida pelo Museu do Amanhã, seria

impossível realizar. Um projeto em que o Museu da República poderia oferecer seu espaço e seu acervo para abraçar amplamente uma causa pela qual lutamos incessantemente.

O que parecia ser um sonho, num primeiro momento, foi se concretizando em diversos encontros. Providências como agendar visitas com escolas, grupos de pessoas cegas ou de baixa visão, estudantes com deficiência auditiva para o museu com educadores e intérpretes, disponibilizar ônibus e lanches para o final das visitas são tarefas que exigem um esforço considerável da organização.

Como respondo sobre acessibilidade dentro do Museu da República, fui a única totalmente envolvida no projeto. Aqui me coloco como, museóloga, curadora e pessoa com deficiência física que não está abarcada no projeto. Trazer o meu corpo a ele foi minha forma de criar mecanismos para me comunicar e, como tal, permitir que rotas pessoais transformassem conceitos e significados pré-estabelecidos. A corporeidade torna-se a *decorporeidade*, o *devir* torna-se o *desvir*. Esses são conceitos intrínsecos à experiência do corpo com deficiência e sinto a necessidade de trazê-lo nesse texto.

Como pessoa com deficiência e doutora em Crítica de Arte, reconhecida em minha área de atuação como curadora e crítica, posso hoje, com tranquilidade, falar sobre questões relativas à acessibilidade, questão que venho me dedicando com bastante afinho nos últimos sete anos.

Durante toda a minha vida tratei a deficiência como algo pessoal e assim as questões de superação e/ou adaptações eram

somente minhas. Ao mergulhar no trabalho de inclusão institucional e acessibilidade percebi o quanto me equivocava e como esse *problema* não era apenas meu. Institucionalmente, durante anos, foi essa a postura dos museus, principalmente os do Brasil.

Supunha-se que a deficiência era um problema individual e por isso se determinava que cabia à pessoa com deficiência a responsabilidade de se adaptar, habilitar, ou reabilitar de modo a satisfazer e a realizar as tarefas estabelecidas pela sociedade em termos profissionais e sociais.

Minha área de atuação no campo da acessibilidade é dirigida aos espaços de museus e/ou espaços culturais, e estava muito mais direcionada à conscientização e formação dos funcionários que iriam interagir com o público em geral. A partir desse projeto entendo uma nova/outra participação no âmbito do museu acessível, muito mais no campo do sensível, trazendo e propondo experiências dentro do espaço museológico.

Durante nove meses, o tempo de uma gestação, o projeto Museus Acessíveis, recebeu, toda a quarta-feira, grupos de pessoas cegas revezando com grupos de pessoas surdas. Para uma melhor compreensão iremos dividir as visitas, análises e depoimentos em duas partes. Uma com pessoas cegas ou de baixa visão e outra com pessoas surdas.

VISITA PARA COM SURDOS

Um museu pode ser acessível e não inclusivo. Assim o museu pode ter uma maquete e reproduções tácteis, um áudio-guia, rampas e outros dispositivos que ofereçam acessibilidade, mas não serão necessariamente inclusivos se não forem pensados e

disponibilizados para todos.

Multiplicar as possibilidades de acesso envolve também o incremento da participação de diferentes grupos. Inclusão envolve participação ativa dos grupos específicos no museu.

Pensar e desenvolver um roteiro para identificação da acessibilidade para/com surdos com museus, só pode ser desenvolvido e submetido à avaliação por pessoas surdas. Precisa-se incluir nas instituições a presença de funcionários e recepcionistas fluentes na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); presença de intérpretes, guias para surdos nas exposições; presença de símbolos internacionais de informação; videoguia (LIBRAS e legendado).

Existe uma diferença quando se estabelece um programa educativo **para** surdos e quando se pensa num programa educativo **com** surdos. As pessoas surdas precisam estar juntas na construção dos processos de ensino e aprendizagem.

O modelo de Museu Inclusivo se estabelece numa instituição e se vê inserido num projeto político institucional que substitui os princípios de inclusão social, na medida em que compreende o museu como um instrumento a serviço da democracia. Precisamos lembrar que estamos falando do Museu da República, da *Res publica* (da coisa pública).

Assim me ensinou Bruno Baptista, educador surdo do Museu do Amanhã que vinha acompanhando os grupos de pessoas surdas ao Museu da República juntamente com Igor Mesquita, intérprete de LIBRAS do Museu do Amanhã, que fazia as traduções dos sinais principalmente para mim que não tenho nenhum conhecimento prévio.

Nos primeiros encontros eu e o Museu ganhamos o nosso símbolo, o que me deu grande alegria. Aos poucos fui me familiarizando com alguns símbolos e, junto com o bolsista FAPERJ Arthur Nascimento, aprendemos alguns sinais, mas confesso que Arthur hoje ele sabe frases inteiras em LIBRAS e eu ainda não.

A cada visita recebia orientações do Bruno da necessidade de se contratar um educador surdo para o museu e o quanto as visitas ao MR ficavam em déficit sem ter essa pessoa no nosso quadro. Posso confessar ainda a minha angústia nessa demanda pois infelizmente esse tipo de contratação não está em minhas mãos e preciso ressaltar que o Museu do Amanhã é um espaço gerido por uma organização social de cultura o que de uma forma dá ao museu certa autonomia e o Museu da República, um museu federal, pertence ao IBRAM (uma autarquia que hoje se encontra dentro do Ministério do Turismo).

Bruno desempenha seu papel de cobrança e eu fico tentando resolver e preencher as lacunas.

A cada visita eu sabia e entendia que precisava ser mais objetiva nas informações. Frases curtas para clarear a informação retirando algumas vezes datas e detalhes que pudessem criar desentendimento na compreensão dos dados. Certa vez, durante a visita, uma aluna, por excesso de informação passada de forma rápida, acabou entendendo que o Barão (Barão de Nova Friburgo, pessoa que mandou construir a casa) tinha matado **Getúlio Vargas**. Confusões históricas e engraçadas num primeiro momento me levaram a entender que informar em excesso prejudica a compreensão das várias camadas históricas

que permeiam aquela casa. Informação acessível é informação relevante. Uma quantidade excessiva de dados, fatos e conceitos torna a mensagem pouco clara, dificultando o entendimento em LIBRAS e potencializando o erro na compreensão do conteúdo realmente importante.

A percepção sensorial é uma das principais características para a captação de informação. A essência da LIBRAS é sua característica viso-espacial e a linguagem de sinais permite que as pessoas surdas se comuniquem de forma visual, por meio de signos gestuais realizados com dedos, mãos, corpo e expressões faciais. Essa visualidade pode vir também através de imagens, que se mostraram grandes aliadas quando propostas por Bruno e Pamela, educadores do Museu do Amanhã, em visitas nas quais a maioria dos visitantes era crianças e adolescentes.

UM MUSEU PARA TOCAR

Buscando na epígrafe inicial desse texto, a *museologia que não serve para a vida, não serve para nada, suscita a reflexão*: a quem os museus servem? Ao procurar essa resposta, me referirei ao Museu da República, mas poderia ser qualquer outro. Os Museus hoje servem a uma parcela muito pequena e determinada da população.

O conflito entre ser ou não acessível surge em decorrência do de padronização de ambientes como resultado da utilização de modelos considerados típicos. Esses conceitos partem da imagem de pessoas jovens, atléticas, independentes e saudáveis. Podemos pensar a partir do entendimento de que estar acessível se realiza na diversidade, na potencialidade e no diálogo entre o corpo e o ambiente.

As visitas com os grupos de pessoas cegas ou de baixa visão foram capitaneadas pela Eduarda Emerick e foram sempre momentos em que as propostas eram criar experiências aos visitantes. A experiência traz essa intencionalidade acerca dos conflitos entre as mãos e o entorno físico e sensorial que as cercam.

Os educadores do Museu do Amanhã levaram uma maleta com objetos sensoriais complementares às narrativas desenvolvidas por mim e pela Duda.

Apresentar uma casa atravessada por mais de 150 anos de história foi um desafio, principalmente para mim que nunca tinha feito uma mediação com grupos.

Na maleta, os educadores do Museu do Amanhã trouxeram uma seleção de objetos multissensoriais, que provocavam no visitante, a partir do contato, uma aproximação da essência do objeto ou do contexto de determinado salão.

Antes das visitas começarem, a equipe de museologia e eu selecionávamos alguns objetos ou elementos da casa que poderiam ser tocados. Escolhemos algumas esculturas em bronze e elementos da arquitetura da casa como portas, janelas e a escada.

Foi trazida do setor educativo do museu uma maquete, que não foi confeccionada como sensorial, mas que ajudou na compreensão da estrutura do prédio.

Primeiro órgão de contacto, a mão, é a extremidade hiper funcional do corpo, órgão táctil de percepção do mundo e de criação. Olhar, conviver e tocar.

O sujeito com deficiência se percebe, se identifica e se manifesta com autonomia e protagonismo poético ao alinhar,

manipular, emaranhar não só os movimentos das mãos, mas das referências com materialidades e contextos diversos.

Ao manuseá-los resgatam afetividades, sem desestabilizar o que é considerado possível e impossível. Relações que só foram construídas através dos diálogos constantes entre o corpo físico, a memória pessoal e os conceitos teóricos e imagéticos.

Ao me debruçar sobre mim e sobre o outro, da mesma forma que me debruço diariamente sobre o objeto na busca de uma gestualidade interior que dê conta das experiências corpóreas, encontro novos significados possíveis. Trata-se de corpos investigando a função da matéria. Trata-se de corpos reconstruindo a subjetividade semântica da imagem.

Os objetos sensoriais buscavam exercitar a percepção, provocar o visitante com estímulos os mais diferentes. A partir dessas poéticas, o visitante passou a ser entendido como parte da obra e sua relação com o objeto ganhou nova dimensão, ampliando o diálogo entre os dois.

É o corpo multissensorial que é convidado a se envolver e a se transformar com a experiência estética. Assim o objeto deixa de ser o fim último e a tônica incide sobre a provocação de uma sensação direta. É pela exaltação sensorial que se busca uma transposição dos limites perceptivos. A hegemonia da visão cede espaço para a multissensorialidade.

Uma grande aproximação da arte se deu com a abertura poética realizada pelos artistas Neoconcretistas, como exercício experimental de liberdade. Experimentar o experimental de Hélio Oiticica virou lema, assim como a frase de Mario Pedrosa,

“Exercício experimental de liberdade”. A palavra de ordem de Hélio – “experimentalizar o experimental” – potencializava-se nas visitas e se transformava em vivência.

Aproximar-me de um texto como esse é sempre um exercício constante de dissecação de nossas ações e reflexões. Podemos ser pessoas em constante mutação e aprendizado, refletindo sobre cada ação e/ou frase dita e pensando em como dizê-las, pois, estamos sempre revestidos de algumas camadas capacitistas que procuramos rejeitar e nos modificar o tempo todo.

Receber o projeto Museus Acessíveis pela parceria com o Museu do Amanhã me fez olhar para traz e perceber o quanto ainda não fizemos. Poderia elencar falta de pessoal e equipe reduzidíssima e quase nenhuma verba, mas na verdade sabemos que o que falta é uma política institucional. Não podemos aceitar que todas as questões referentes à acessibilidade sejam da responsabilidade de uma única pessoa com deficiência. Precisa ser projeto de TODOS. Essa na verdade é a principal causa da nossa fragilidade que reside na ausência de uma política interna integrativa das ações de acessibilidade e inclusão.

Segue o depoimento da Silvia Pinho, Historiadora do Arquivo Histórico do Museu da República: As apresentações do projeto “Museus Acessíveis” no Museu da República se iniciam ao ar livre, em frente à Galeria do Lado, exatamente embaixo da janela que fica ao lado de minha mesa de trabalho. Por isso, tive o privilégio de acompanhar um pouco dessa maravilhosa iniciativa. Na primeira vez que eu os acompanhei, por acaso, me chamou tanta atenção que eu me debrucei na janela e fiquei escutando, observando. Então me emocionei com a fala dos mediadores,

com olhar atento dos alunos, com a presença silenciosa das mães, com a atuação iluminada, calma e tão representativa da Isabel. Me emocionei como profissional de museu e como mãe, testemunhando um projeto tão necessário, tão essencial!

Depoimento de Livia Murer, Coordenadora técnica do Museu da República: A participação do MR no projeto Entre Museus Acessíveis veio ao encontro de um desejo manifestado por toda a equipe de ver a acessibilidade acontecer na prática. Acompanhar as visitas e a potência dos debates, que só são possíveis a partir do livre acesso e da inclusão de todos, foi um presente. A troca de experiências entre as equipes desde o planejamento, a elaboração dos roteiros e objetos mediadores, a prática das visitas, deixam um legado que transformará para sempre a forma como pensamos o público do Museu.

ENTRE MUSEUS ACESSÍVEIS:

Acessos, afetos e implicações

Leonardo Oliveira



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO

Oi, tudo bem?

Eu sou o Leonardo Oliveira, trabalho como consultor em acessibilidade na área da deficiência visual. Tô aqui hoje pra contar para vocês sobre as experiências da 1ª edição do Entre Museus Acessíveis.

Antes de contar, preciso me auto-descrever: sou homem cego, de 36 anos, com uma “barbinha” ... tô usando uma camisa preta, tô sentado, aqui atrás aparece o espelho d’água e uma parte da exposição do Museu do Amanhã. Uso um casaco que está aberto e uma calça jeans.

Eu quero começar contando, como eu cheguei nesse projeto, né? Sou cego de nascença, fui aluno e trabalhei também no Instituto Benjamin Constant (IBC). Comecei a trabalhar no ramo da acessibilidade cultural em 2016, no Museu Histórico Nacional. Lá eu comecei a conhecer outras instituições, conhecer também o Museu do Amanhã. Em 2019, nós começamos uma conversa muito tímida, muito discreta... sobre a implementação de um projeto que seria o Entre Museus Acessíveis.

Muitas coisas aconteceram desde lá até aqui, aconteceram alguns encontros, algumas reuniões boas entre nós. Na época, eu estava no Museu Histórico, mas, veio a pandemia e outras coisas aconteceram. Por volta de Abril/Maio de 2022, eu recebi o convite, que fiquei muito honrado. Que foi o convite da Camila para fazer parte da comissão do Entre Museus Acessíveis, e foi aí que soube que o projeto tinha ido à frente, porque até onde a gente tinha conseguido conversar, a gente parou sem muito rumo, sem saber se ia pra frente ou não.

Em 2022, eu soube que foi pra frente, fiquei muito feliz e honrado de fazer parte da Comissão, mas, ainda sem entender a dimensão, sem entender o impacto, sem entender a repercussão que teria esse projeto. Então, fizemos algumas reuniões de planejamento.

Antes da primeira visita, eu coloquei um desafio pra mim mas, na verdade, era nosso: Como trazer público? Onde encontrar público que pudesse nessas condições de horário, dias, locais, de acesso, de chegar ao Museu do Amanhã e ao Museu da República. Eu tive uma ajuda muito preciosa do Álvaro, do Pedala Junto*. Então montamos um grupo, e depois a

*Pedala Junto é uma iniciativa de mobilidade através de bicicletas acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida, autismo, cegas ou com baixa visão.

Duda chegou também para somar muito nesse grupo. E a gente começou a reunir algumas pessoas, a divulgar as visitas e pra minha surpresa, chegou bastante gente nesse grupo. E isso me ajudou a desmentir, que na minha cabeça, uma ideia aos poucos vinha sendo embutida que não existia público de pessoas com deficiência visual em museus aqui no Rio.

Eu sei que em outros estados as pessoas se organizam em grupos grandes de pessoas cegas e vão aos museus, aos centros culturais... onde elas têm experiências, possibilidades inclusivas e acessíveis. Aqui no Rio, eu ainda não tinha conhecimento disso, de uma coisa constante, de uma coisa duradoura, né? E nós fizemos algumas visitas de algumas pessoas que vieram dos mais diversos lugares, alguns bem distantes.

Pessoas desse grupo que montamos, ele é basicamente composto por pessoas cegas que adquiriram a deficiência na idade adulta, algumas ainda acompanhadas, que precisam desse acompanhamento, outras não. Mas, nessas visitas, a gente se conheceu, conversou, experimentou, vivenciou muitas histórias interessantes de vidas não só de pessoas cegas que visitaram.

Muitas vezes, com o objetivo de proteger, de cuidar... as famílias, muitos familiares de pessoas com deficiência acabam sendo capacitistas. E quando tem a oportunidade de estarem em um lugar onde a vontade, os gostos, os interesses dessas pessoas são respeitados... isso é de alguma forma um ensinamento, isso é de alguma forma uma provocação, talvez, uma sugestão.

Não sei qual a melhor palavra, pra dizer: Como essas pessoas devem e gostam de ser tratadas? A gente teve aqui umas

visitas e nesses momentos de encontro com os educadores, outras pessoas com deficiência e antes, com seus familiares com deficiência... histórias de muita gratidão. Simplesmente pelo afeto, simplesmente por terem sido respeitadas. Os direitos e gostos dessas pessoas, o tempo de cada pessoa, de experimentar cada espaço, cada objeto. Isso tudo é muito significativo, muito além das questões que normalmente a gente discute nesses espaços. Questões de mediação, questões ligadas à acessibilidade, metodologias, então, para além disso. Fica essa lição, fica essa lembrança de um lugar onde essas pessoas foram, foram muito respeitadas.

Não é um assistencialismo. Não é passar a mão na cabeça. Não é nada disso, é simplesmente considerar aquela pessoa para além da sua deficiência, é considerar a pessoa. Então, relatos que a gente tem no grupo, eu não me lembro de muitos relatos falando de momentos, aquele momento que marcou... Tem algum sim, mas, a maior parte que mais ficou marcado pra mim, foram os relatos de gratidão, do carinho, do afeto, do respeito, do acolhimento. Do momento de descrever o espaço, de descrever o Cosmos, as salas. Então, isso foi uma coisa que marcou muito.

Quando nós nos reunimos para pensar a publicação, foi feita uma pergunta muito interessante. Que eu queria já ir me encaminhando para a conclusão, tentar sugerir algumas respostas para essa pergunta. A pergunta é: Por que isso importa? Por que um projeto como esse importa? Por que ele deve continuar? Por que nós devemos dedicar recursos financeiros, tempo, estudo e todos os esforços possíveis para que esse projeto aconteça mais e mais vezes?

Bom, algumas das respostas já foram dadas aqui nesse depoimento meu, que é desse impacto que causa e que ainda muito mais gente precisa vivenciar esse impacto dessa interação em casa. Esse impacto dessa interação na vida das pessoas. Então, eu recebi mensagens de pessoas perguntando: “Você trabalha com isso? Você consegue arrumar pra mim um trabalho desse?”

Então, do que nós estamos falando? Nós estamos propondo passeios, uma visita ao museu, a dois museus e um passeio de bicicleta. Teoricamente, isso seria apenas um lazer. Vamos sair, nos divertir, vivenciar uma coisa nova. Mas, o que a gente tá falando agora é de uma mudança de comportamento dentro da sociedade, dentro das famílias e dentro das próprias pessoas, da forma como cada pessoa lida com a deficiência e como o seu familiar lida com a deficiência.

E agora nós chegamos em um ponto que é na questão do trabalho. Eu não imagino que quando as reuniões aconteciam as pessoas pensavam: Poxa, vamos abrir essa nova possibilidade de trabalho para pessoas com deficiência. Talvez, na cabeça de alguém tenha passado mas, não era esse o objetivo. Mas este pode ser também um objetivo porque nós precisamos de mais pessoas prestando consultoria, de mais mediadores e mediadoras com deficiência.

Nós precisamos ocupar esses espaços não só como visitantes mas como pessoas que pensam esses espaços, pessoa que são curadores e curadoras de exposições, pessoas que projetam esses espaços, então aí, nesse momento, quando nós chegarmos nesse momento, eu imagino que nós já estaremos em um ponto muito mais elevado desta discussão de acessibilidade e inclusão

de pessoas com deficiência. Algumas dessas respostas já foram dadas nesse depoimento meu falando sobre o afeto, sobre o enfrentamento do capacitismo, sobre a questão do trabalho, do espaço e da oportunidade para pessoas com deficiência entrarem, trabalharem, aprenderem e ensinarem.

A última questão para concluir agora, para tentar responder essa pergunta: “Por que isso importa?” É a questão do público. Essa é uma questão recorrente que a gente que já está nesse meio há alguns anos, com certeza já ouviu muito. “Mas, esse público? Esse público vem? Esse público tem interesse? Cadê esse público? O que a gente faz? Não aparece ninguém!” Então, a questão é: Por quê não aparece ninguém? É a divulgação? É o acesso? É o preparo?

Desde que a instituição se prepare, receba, acolha, estude sobre o tema... tudo isso, as pessoas vem. Os números do projeto dizem isso. Então, você se prepara, recebe, acolhe e as pessoas virão. E quanto mais a gente fizer isso, mais pessoas virão.

Então, o meu desejo, para o próximo ano, para os próximos anos é que a gente tenha mais e mais edições do Entre Museus Acessíveis e outros projetos pelo Brasil, que levem em conta os interesses, as vontades, os gostos, os tempos das pessoas com deficiência.

A pessoa com deficiência seja trazida para o projeto, não é porque ele é pensado, e não depois, pra dizer “amém”, pra dizer que está bom. Ou até não dizer isso, mas, depois que você não pode fazer mais nada no projeto.

Esse é meu apelo, no qual eu me despeço de vocês. Desejando novos rumos, novos projetos. A gente já caminhou bastante sim, estamos caminhando, mas ainda temos muito que caminhar. Que honra poder fazer parte disso de alguma forma, poder contribuir de alguma forma com isso. É um privilégio que eu quero que outras pessoas com deficiência também tenham.

Tá bom? Um abraço pra vocês, gente.

A gente se encontra por aí em algum museu.

Aspectos da acessibilidade museal: pensamentos e práticas no desenvolvimento e em sua construção

Rafaela Vale



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO

Eu sou Rafaela Vale e esse é o meu sinal (os dedos indicador e médio cruzados e os outros dedos em mão fechada, próximo a lateral da cabeça, em movimento caracol de cima para baixo). Sou membra da Comissão Entre Museus Acessíveis.

O projeto Entre Museus Acessíveis do Museu do Amanhã em parceria com o Museu da República, traz um confronto que tem o objetivo de gerar discussões, reflexões, ideias e também propostas para sensibilizar e também trazendo possibilidades, dando outra perspectiva para coletivos que antes tinham dificuldade de acesso.

Essas discussões geradas não tinham temas relacionados à inclusão e seu desenvolvimento, porque não tinham pessoas nem público dentro dessas instituições e setores museais.

Nós, membros da Comissão do Entre Museus Acessíveis, tanto do Museu do Amanhã, Museu da República e também de outros museus, nós também fomos confrontados por conta de experiências e assuntos relacionados a esse movimento de inclusão, de passar as informações, de sermos modelo e também de estarmos abertos a esse confronto, tanto do público cego quanto do público surdo e também de todas as outras deficiências.

Existe uma lei que fala sobre acessibilidade, mas ela é muito falha em diversos aspectos. Por exemplo, em museus onde a preocupação maior é focada em colocar rampas ou colocar elevadores ou portas adaptáveis, e vagas especiais no estacionamento e também banheiros acessíveis, podendo facilitar a mobilidade dos visitantes. Isso não é suficiente. Falta, por exemplo, um profissional fluente em Língua de Sinais para poder mediar essa relação com o surdo ou com o cego, através de um intérprete. Mas também não adianta só colocar esse profissional em prática tendo fluência em Libras ou apenas colocar um vídeo em Língua de Sinais. De que forma funcionaria se eles também não conhecerem os sinais que eles estão usando, principalmente relacionado aos conceitos do museu, que precisa de um conhecimento mais profundo, precisa de uma estratégia, uma ação performática, algo mais teatral que utilize mais expressões tanto faciais, quanto corporais.

Então por isso é importante ter uma pessoa surda fazendo essa interação, criando esse vínculo. Também há uma falta de

informações vinda da sociedade, uma falta de conhecimento. É por isso que muitas pessoas surdas são afastadas, são excluídas. Mas eu sou uma pessoa surda. E há anos já temos várias histórias, vários registros com relação à pessoa, à questão do ouvintismo, ao fato da pessoa não ouvir.

Então eles são taxados, são estigmatizados, são inferiores, são párias na sociedade, são retirados e excluídos como se não tivessem capacidade. E o que acontece? São diversos problemas referentes a isso. Mas o sujeito surdo, ele tem a capacidade de estar em vários locais, em vários espaços. Ele tem esse poder de posicionamento, e é assim que se consegue visibilidade. É ser reconhecido como uma pessoa capaz de integrar a sociedade como um todo, tendo um lado positivo, sendo capaz de se posicionar.

A pessoa encontra em sua comunidade, seus pares. Então, a pessoa surda, ela tem esse avanço linguístico através da língua de sinais, sendo algo mais visual e tendo ideias e crenças que também valorizem essa perspectiva, que valorize a pessoa surda ou as pessoas surdas. Elas são iguais a qualquer outra comunidade de pessoas que têm mais afinidades na comunicação com os seus iguais, com os seus pares. Então ela fica à procura de um sentimento de pertencimento e esse sentimento é algo natural, que ocorre dentro de suas comunidades, dentro de seus coletivos, dentro dos seus povos, de seus semelhantes, de seus pares. E assim a comunicação vai fluindo e vai interagindo através de estratégias mais visuais.

Eu tive uma experiência no mês de abril, onde eu participei do projeto Entre Museus Acessíveis, juntamente com um grupo de estudos visitante, e tinham as bicicletas com os instrutores,

também com os intérpretes, com os educadores e também a presença do educador Bruno.

Tinham as bicicletas individuais e também as tandem, onde a gente pedalou por um percurso, fizemos algumas paradas e nessas paradas vinham as explicações do educador David, juntamente com algumas complementações da Hérica, onde eles contavam as histórias. Eu só fiquei observando e eles também passavam muitas informações sobre as culturas antigas, sobre a questão da escravização, da pobreza e também da questão da dominação de Portugal e sobre as obras da cidade.

E eu só fiquei observando todas essas explicações e quando terminaram, nós continuamos pedalando e fomos para uma outra parada. E eu fiquei pensando que foi uma estratégia maravilhosa, porque é um caminho longo até o Museu da República, onde é um espaço que traz muitas histórias e eu fico admirada com isso. E também tinha a presença dos intérpretes e também do educador surdo Bruno, que também complementava usando as expressões as suas performances, usando de estratégias para poder prender a atenção dos surdos, fazendo com que a gente faça as perguntas e tenha uma relação.

Segundo os autores, Strobel e Perlin (2008, p. 9), “participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização”. “(...) Em que lugares? Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros” permitindo-nos comunicarmos através da Língua de Sinais e tornando-nos inseridos dentro de uma comunidade em que nos tornamos capaz de encontrar nossos pares e, através dessas subjetividades, nos inter-relacionarmos na comunidade surda.

Esse espaço é reconhecido como uma troca, uma troca de experiências através da Língua de Sinais, uma troca visual através de proposta de projetos que incluam esses coletivos.

A pessoa usuária de Libras, principalmente dos níveis mais básicos, são ajudados e incentivados a progredir nos seus conhecimentos, conscientizando a sociedade sobre o indivíduo. A Língua de Sinais brasileira é como se fosse uma ponte que liga pessoas surdas e pessoas ouvintes onde elas estão vinculadas, mas não só através da acessibilidade mas também através das lutas, das rodas de debate e também das respostas que cada um traz. Já tivemos várias lutas e até hoje elas continuam. Então, é de grande importância que esse projeto do Entre Museus Acessíveis atinja outros museus. Porque é de grande importância ter contatos com pessoas com deficiência para garantir o acesso tanto de pessoas surdas quanto as pessoas cegas porque são profissionais capazes de estar nesses espaços para servirem de referência, criando assim uma verdadeira mudança na inclusão.

A lei fala sobre essa questão da inclusão, em que aborda a verdadeira mudança através da prática. Mas como seriam essas práticas? Por exemplo, através da criação de vagas de jovem aprendiz, porque tanto para pessoas surdas quanto para pessoas cegas ou outras deficiências, para que possam ingressar no mercado de trabalho e terem a experiência e adquirirem essa construção futura em sua formação. Porque, se não tem faculdade, é uma ótima oportunidade para abrir vagas para as pessoas terem esse conhecimento para então, no futuro, conseguirem ingressar em uma faculdade, porque os que já ingressaram no trabalho têm essa experiência. É um movimento de incentivo que

reflete na sociedade como um todo, sendo positivo, sendo capaz de posicionar as pessoas com deficiência.

A pessoa encontra em sua comunidade, como iguais. A pessoa surda, ela tem esse avanço linguístico através da língua de sinais, sendo algo mais visual e tendo ideias e crenças que também valorizam a inclusão.

Nós, membros da Comissão do Entre Museus Acessíveis, também estamos preocupados com essa valorização, com esse projeto, com o desenvolvimento do Entre Museus Acessíveis e o incentivo à inclusão e também com a diminuição de preconceitos, do racismo ou então também na falta de informações pelas barreiras. Nós estamos preocupados em mudar isso, em apresentar uma proposta verdadeira de inclusão.

Os museus, eles podem abrir seus espaços e também abrir possibilidades de acesso, gerando um conhecimento, um desenvolvimento da cultura.

Os museus também são reconhecidos como espaços icônicos, um espaço onde a cultura é valorizada, onde as memórias de cada pessoa são expostas, onde as pessoas se sentem incluídas e se sentem participantes através de um conhecimento e também de informações adquiridas. Mas tudo isso só é possível usufruir se tivermos a criação de um ambiente mais inclusivo. Precisamos pensar no espaço físico, mas também precisamos pensar como o público chegar a esses espaços.

No fluxo das chegadas, passagens e partidas: vivenciando novas e possíveis experiências acessíveis e inclusivas

Hilda Gomes



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



Para começar essa produção textual, confesso que me senti insegura diante de tamanha responsabilidade na condução de uma narrativa que pretende fomentar reflexões e conduzir pessoas leitoras por novas estradas com caminhos, desvios e curvas que guiam o trabalho educativo mais inclusivo e acessível. Isso fortalece as instituições museais e culturais brasileiras e aceitei a empreitada.

Essa história começa num convite para fazer parte de uma Comissão no Projeto Entre Museus Acessíveis do Museu do Amanhã. Muitos desafios e inquietações: qual é meu/nosso ponto de partida nessa experiência? Posso dizer que cada experiência

vivida pode e deve envolver (des)construções, contradições, complementações, incertezas, dúvidas, surpresas e muita emoção. As ações reflexivas e propositivas que encontram espaço nas dimensões da acessibilidade se apresentam em sua complexidade originando limites, erros, acertos e possibilidades diversas.

Como sou contadora de histórias pretendo te convidar a vir comigo numa breve viagem. Sou uma mulher negra, periférica, mãe de três e na estrada há 30 anos com um companheiro-amor. Esbarrei em muitos obstáculos, barreiras, e alguns quebra-molas que tentaram diminuir a minha pressa na chegada. Nesse vaivém entre passado, presente e futuro, inicio um novo itinerário com duas grandes questões: Por que isso importa? Por que estamos fazendo isso? Por que atuar no campo da acessibilidade cultural é importante e necessário? Para tentar chegar a essas respostas, preciso voltar a um lapso de tempo num passado recente em que me construí educadora atuando como professora na educação básica e como mediadora entendendo as faces da educação não formal.

Trabalhar num museu de ciências, como o Museu da Vida, localizado numa instituição como a Fiocruz, referência em saúde e ciência no Brasil, me fez elaborar planejamentos a curto, médio e longo prazo com objetivos definidos para formação de equipe e a construção coletiva de uma base segura para que alicerces fossem implementados. Buscar fundamentação teórica, selecionar referências da área, participar de eventos, conhecer museus e seus setores educativos que já tinham implantado propostas significativas para compartilhamento de saberes, mas principalmente exercitar a escuta e conhecer pessoas das mais diversas que militam e pesquisam no âmbito da acessibilidade foram as metas a atingir. Nesses 10 anos de trabalho árduo,

reconheci que o aprendizado coletivo para profissionais que estão e (se) educam em museus, ganha compromisso, força e fôlego na relação direta que se faz, educativa, social e política no encontro entre pessoas com e sem deficiência.

Já que estamos viajando, preciso reler algumas anotações em meu diário de bordo. Faremos cinco paradas obrigatórias que apontam para um horizonte onde o respeito aos direitos humanos se fazem presente e são *'pit stops'* estratégicos para re-orientações, ajustes e fortalecimento de condições adquiridas. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) diz que toda pessoa tem direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.

Nossa Constituição Federal (1988) traz diferentes garantias às pessoas com deficiência como por exemplo, a não-discriminação (Art 7, Inciso XXXI) e a inclusão (Art. 208, Inciso III). A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2009) é um documento muito relevante, pois é o primeiro instrumento de direitos humanos do século XXI, com uma dimensão explícita de desenvolvimento social e que marca uma mudança paradigmática de atitudes e enfoque a respeito das pessoas com deficiência. Em seu artigo 30, destaca o direito de participação em condições de igualdade da vida cultural e de ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos (GOMES,2020).

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) tem dez direitos fundamentais para a equidade da vida em sociedade: Vida; Habilitação e Reabilitação; Saúde; Educação; Moradia; Trabalho;

Assistência Social; Previdência Social; Cultura, Esporte, Turismo e ao Lazer; Transporte e Mobilidade. É um documento essencial para vários âmbitos do conceito de acessibilidade pois tem grande abrangência e especificidades. Chegamos na quinta parada e consideramos que um instrumento atual e importante que pode contribuir para estreitar laços e firmar responsabilidades entre a educação e acessibilidade em museus é a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) que surge em 2017 após intensa mobilização de educadores e educadoras de/em museus. Em seu Eixo III intitulado ‘Museus e Sociedade’, ressalta como matricial: “Promover a acessibilidade plena ao museu, incentivando a formação inicial e continuada dos educadores museais para desenvolvimento de programas, projetos e ações educativo-acessíveis” (PNEM, 2017:17).

Nosso mapa está marcado e agora vamos passear, recordando lugares por onde estive, reconhecendo paisagens, construindo pontes, compartilhando saberes e fazeres, aprendendo, produzindo conhecimento, pesquisando, errando, acertando, revivendo momentos de dificuldade, vibrando por momentos de conquistas.

Essa viagem me lembra a música ‘Encontros e Despedidas” de Milton Nascimento e Fernando Brant:

*São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar, é a vida*

O trabalho com acessibilidade nos coloca em locais de fronteira que tangenciam chegadas e partidas, além de cenários com novos discursos que se fazem polifônicos e multissensoriais. Nessa caminhada, um fato é muito emblemático... conhecer pessoas com deficiência que trazem representatividade a esse campo oportunizou muitas conexões, sinergias, parcerias e afetos. Sinto necessidade em destacar um registro de projeto muito exitoso chamado “A Cor da Cultura” (2004) criado para contribuir com a implementação da Lei 10639/03, que determina a inclusão do ensino da história e da cultura afro-brasileiras no currículo escolar:

Num mundo de grandes desigualdades, nem sempre é fácil lidar com as diferenças. Elas estão em toda parte (...) Viver em sociedade implica a necessidade de uma postura em relação às diferenças, pois essa tende a ser uma condição comum até para quem busca compreender a ética ou a justiça (...) quando atribuímos juízo de valor às semelhanças e diferenças, perdemos de vista o que elas podem proporcionar de melhor para uma compreensão mais apurada e crítica do mundo em que vivemos e a partir dessa percepção reformulamos nosso modo de ver as coisas e por consequência o próprio mundo (A Cor da Cultura, 2004).

Esse registro me remete ao conceito da interseccionalidade cunhado pelo feminismo negro na voz da afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw como crítica às leis antidiscriminação subscrita às vítimas do racismo patriarcal (AKOTIRENE, 2019). Segundo Crenshaw a interseccionalidade nos permite enxergar a colisão das estruturas e interação simultânea das avenidas identitárias (Akotirene, 2019). Racismo e machismo estrutural se aliam ao capacitismo e provocam sofrimento e invisibilidade.

Por isso, os movimentos sociais precisam concentrar forças na mobilização permanente contra negacionismos, violências e violações de direitos.

Vamos continuar a viagem? O próximo ponto será o Museu Antônio Parreiras que realizou o Seminário Acessibilidade em Museus em evento que antecedeu a notícia sobre a pandemia da Covid-19 (Niterói, 2020). Minhas anotações reforçam que a educação é um dos campos de fundamental importância para o enfrentamento das iniquidades sociais, isso porque permite que os indivíduos e grupos se insiram na dinâmica societária e no fluxo da cultura humana. Esse patrimônio cultural acumulado e constituído ao longo de gerações implica em conhecimentos, competências, valores, simbologias, instrumentos, linguagens características, articula pessoas e instituições e é a expressão de uma comunidade humana particular no meio social (FORQUIN,1993). Freire (1997) já nos dizia que a educação é um ato político e neste contexto, as ações educativas e culturais estão necessariamente associadas à discussão de questões éticas, políticas e sociais.

Ainda em 2020 tive a honra de participar da obra ‘Educação Museal: conceitos, história e políticas’ escrevendo um capítulo do vol.5 “Educação museal, cibercultura & acessibilidade em museus e educação”. Meus apontamentos me lembram que diante da crescente complexidade da sociedade, a difusão de diferentes saberes se dá não apenas na escola, mas também em outros espaços de natureza educativa, como os museus. Assim os museus trilham novos caminhos na elaboração de ações educativas acessíveis explorando afetividade e provocando

emoção para oportunizar mais compartilhamento de saberes e interação (GOMES, 2020). Mas para efetivar essas realidades são necessárias ações que possibilitem a participação destas pessoas na sociedade como cidadãos e cidadãs com plenitude de direitos (OMOTE, 2008).

No meu processo formativo-formador estabelecemos diretrizes em nosso espaço cultural, o Museu da Vida, e assim, a formação, a atuação institucional e a elaboração de ações educativas acessíveis e inclusivas estão no *checklist* de forma permanente e constante para ampliar nossa bagagem. Os museus são espaços de educação não formal que atuam nos campos da conservação, preservação, informação, comunicação, pesquisa e entre outras atribuições devem oportunizar experiências estéticas e de fruição multissensoriais que se refletem na eliminação de preconceitos e barreiras atitudinais.

Os desafios para a implementação da acessibilidade cultural continuam pungentes (GOMES, 2020). Nesse cotidiano há dificuldades e retrocessos mas também lutas, resistências e avanços. Há um esforço educativo, político e um movimento realizado por educadores de museus que se debruçou na construção de uma política que pudesse evidenciar a importância da formação destes profissionais e o papel estratégico dos museus no fortalecimento da cultura.

Os anos de 2021 e 2022 no Brasil foram anos muito difíceis com desmonte de políticas de saúde, ciência, ambiente, cultura e educação. A pandemia, ainda presente, piorou os ânimos e a vida foi se fazendo como dava para ser e fez muitas vítimas num contexto negacionista que afetou a população brasileira numa

tentativa de ruptura institucional. Mas a viagem continuou firme com objetivos de estreitar laços, performar em novas cenografias e coreografias a fim de fortalecer a democracia.

Nesse ponto, relembro pessoas viajantes e navegantes que conheci pelo caminho. Pessoas com e sem deficiência que me ajudam a responder as perguntas “por que isso importa? Por que estamos fazendo isso?”, como: Camila Alves, Moira Braga, Camila Oliveira, Jessica Norberto, Ednilson Sacramento, Bruno Baptista, Duda Emerick, Bruno Ramos, Leonardo Oliveira, Clarinha Mar, Alexandre Clecius, Valeria Abdalla, Isabel Portela, Marcia Moraes, Patrícia Dornelles, Isadora Nascimento, Lucilia Machado, Felipe Monteiro, Armando Nembri, Bruna Kaplan, Jacqueline Gomes de Jesus, Loide Aragão, Bianca Reis, Renata Aglai, David Alfredo, Viviane Sarraf, Claudia Sofia, Armando Nembri, Marcelo Zig, Ana Paula Campos, Rafaela Vale, Andressa Rodrigues, Mariana Oliveira, Diego Xavier, Jadson Abrahão, Graciela Pozzobon, Liliana Tavares, Gabriel Sampaio, Leonardo Castilho, Marina Baffini, Desiree Nobre, Regina Cohen... apenas alguns nomes... mas muita gente boa, potente, com criatividade, empatia, generosidade, sensibilidade e firmes num compromisso civilizatório de cidadania. Todos esses ingredientes fizeram minha viagem se tornar inesquecível. Cada um e cada uma ao seu modo, e dentro de seu perfil e condição de ser humano desbravaram terras (des)conhecidas e plantaram sementes e ideias.

Durante 2021 e 2022 participei de vários encontros, lives, cursos, conversas, projetos, seminários, podcasts sempre com o propósito de tornar a acessibilidade como uma dimensão orgânica e transversal aos processos educativos do Museu da Vida. Para concretizar a presença das pessoas com deficiência nos espaços

culturais como protagonistas, usuários e pertencentes às equipes, é fundamental o planejamento estratégico que prevê contratos para consultorias, processos seletivos e construção coletiva de atividades obedecendo ao lema “Nada sobre nós sem nós”.

Retomando o início da escrita, chego ao meu/nosso novo ponto de partida materializado no projeto Entre Museus Acessíveis: a proposta apoiada em oportunizar visitas ao Museu do Amanhã e Museu da República foi construída a várias mãos trazendo os seguintes diferenciais: produzir objetos mediadores; ter como públicos as pessoas cegas e surdas visitando ambos os museus em datas combinadas; organizar visitas na rua no percurso entre os dois museus — a construção coletiva marcou o projeto desde seu planejamento. Trabalhar com acessibilidade é complexo e delicado e como diz Alves “mediar é também uma artesanaria: é fazer laços, tecer alianças com as pessoas que comparecem (...) é convocar as histórias que cada visitante traz (2010:11). Os laços foram feitos, fios foram tecidos, público animado comparecendo aos encontros.

Essa viagem começou concretamente em abril e está quase chegando ao fim. Comecei minha escrita dizendo do medo nessa responsabilidade. Escondi o outro medo que pairava sobre o resultado da eleição presidencial. Comecei a escrever esse texto no dia 30 de outubro de 2022 exatamente às 10h da manhã após cumprir meu papel como cidadã. Passei todo o dia concentrada nessa produção torcendo para que nossos planos para um país mais justo, com equidade de gênero e raça, preocupado em banir o machismo, racismo, feminicídio, intolerância religiosa, xenofobia e capacitismo se fizesse presente.

Um país interessado em educação, ciência, saúde, tecnologia e proteção ao ambiente fortemente sustentado pela ética, justiça social e democracia forte. Um país que realmente permita que as pessoas com deficiência exerçam seu direito de cidadania e ocupem espaços profissionais no ambiente acadêmico e mercado de trabalho. Minha esperança retornou à noite desse mesmo dia pois o horizonte aponta para que estes pilares novamente se unam num grande quebra-cabeças, cujas peças estavam soltas, perdidas e desconstruídas. Assim como eu, leitores e leitoras, companheiros e companheiras dessa grande viagem que navega e transita no campo da acessibilidade cultural, vamos continuar iniciando muitos pontos de partida para prosseguir com nossos desafios.

Não posso deixar de citar trechos de música que vão nos mover para que novas viagens continuem acontecendo:

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar
(Chico Buarque)*

Viagens são necessárias para renovar pensamentos, conhecimentos, romper obstáculos, eliminar barreiras, diminuir incertezas e abrir rumos para novas jornadas.

No novo tempo
Apesar dos castigos
De toda fadiga
De toda injustiça
Estamos na briga
Pra que nossa esperança
Seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho
Que se deixa de herança
(Ivan Lins)

Como acredito na luta coletiva, me despeço, encontro vocês por aí e finalizo nossa viagem com a seguinte mensagem:

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma mas não sou só
Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma mas não sou só
(Sued Nunes)

Para saber mais — Referências Bibliográficas

ALVES, Camila Araújo. **E se experimentássemos mais? Contribuições não técnicas de acessibilidade em espaços culturais**. Curitiba: Appris, 2020.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Decreto nº 6949 de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo**, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, Seção 1, Brasília, DF, p. 3. 26 ago. 2009.

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6949-25-agosto-2009-590871-norma-pe.html>. Acesso em 30 out 2022.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Seção 1, Brasília, DF, p. 2, 07 ju. 2015. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-norma-pl.html>. Acesso em 30 out 2022.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

GOMES, Hilda da Silva. **O Museu da Vida como espaço de Acessibilidade Cultural**. Anais do Seminário Acessibilidade em Museus, Niterói, 2020. Disponível em <22052020_Texto_Anais_Seminario_Acessibilidade_em_Museus (2)..pdf. Acesso 30 out 2022.

GOMES, Hilda da Silva. **A acessibilidade cultural em museus como estratégia colaborativa para a promoção de contextos inclusivos e acessíveis** in: Orgs: Fernanda Castro, Ozias Soares, Andrea Costa. Educação museal: conceitos, história e políticas. 86p. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. [S. l.: ONU; Casa ONU Brasil, 1948]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso 30 out 2022.

OMOTE, S. **Diversidade, Educação e Sociedade Inclusiva**. In OLIVEIRA, A.A.S.D.; OMOTE, S.; GIROTO, C.R.M. Inclusão Escolar: As Contribuições da Educação Especial. São Paulo - SP: Cultura Acadêmica Editora, 2008.

Acessibilidade museal: estratégia de tecnologia assistiva para surdos

Bruno Ramos e Tatiane Militão²



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



De acordo com censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), cerca de 9,7 milhões de pessoas possuem deficiência auditiva no país, sendo este segmento apresentando um representativo de 5,1% da população. Deste total, aproximadamente dois milhões possuem a deficiência auditiva severa (1,7 milhão tem grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil são surdos), quando 7,5 milhões apresentam pelo menos alguma dificuldade auditiva.

Segundo Decreto 5626/2005, o conceito de surdez, indivíduo com perda auditiva que interage com o mundo por meio de experiências visuais, se caracteriza pela perda bilateral, parcial ou total de audição entre quarenta e um decibéis (dB) ou mais,

2. Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Doutoranda em Ciências e Biotecnologia (PPBI).

aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Este Decreto “regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000” (Brasil, 2005, p. 01), e assegura às pessoas surdas o acesso à informação, comunicação e educação.

Assim, Gomes et. al (2021), observa que as Tecnologias Assistivas (TA), como estratégias de acessibilidade em museus e discute a “aplicação da Tecnologia Assistiva como um meio para transpor a barreira comunicacional presente em exposições, defendendo a responsabilidade dos museus de ciências no processo de inclusão sociocultural”.

a “Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social”. (BRASIL, 2009)

Valente et. al (2005, p.8), aponta que as “novas abordagens são propostas para minimizar o analfabetismo científico e tecnológico incorporadas pelos museus de ciência”. Ainda revela que seu “enfoque principal são os fenômenos e conceitos científicos visando a comunicação entre os visitantes e a ciência mediada”.

Segundo Petis (2022), “uma das mais bem sucedidas tecnologias assistivas são os leitores de tela, que basicamente

fazem o trabalho de transcrever para linguagem falada o conteúdo textual presente na tela do dispositivo eletrônico, como computadores, celulares e tablets”.

Pode-se destacar as ações do Museu do Amanhã, as seguintes tecnologias assistivas: mediador surdo, videoguia, glossário científico, uso de Libras, legenda materiais, uso de imagens, visitas na web, uso de tablet, etc.

Dessa forma, o portal Diário do Porto (2022, p.1), revela que a diretora do Museu do Amanhã, Bruna Baffa, tem alcançado a marca dos “5 milhões de visitantes é o maior reconhecimento que poderíamos receber do nosso público”, dentre estes visitantes surdos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa é de natureza exploratória que de acordo com o portal Significados, consiste na realização de um estudo para a familiarização do pesquisador com o objeto que está sendo investigado durante a pesquisa. Ainda é aplicado de maneira que o pesquisador tenha uma maior proximidade com o universo do objeto de estudo e que oferece informações e orienta a formulação das hipóteses da pesquisa.

Dessa forma, foi realizada pesquisa bibliográfica em três fontes: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal do Museu do Amanhã e no Google Acadêmico, também possui embasamento em livros e artigos relacionados à área, realizou-se uma breve abordagem sobre concepções da surdez e Tecnologia Assistiva.

Para tal, declina-se aos estudos de Skilar (1997; 1998), sob uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos; Fernandes (2019), que apresenta o tema sobre a inclusão de surdos em museus de ciência: um estudo no Museu do Amanhã e no Museu da Vida; Gomes (2022), da acessibilidade comunicacional em museus de ciências.

O objeto de estudo escolhido foi a surdez com foco de estudo no Museu do Amanhã, situado na cidade do Rio de Janeiro, porque possui relevância no contexto cultural da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Premissas sobre a surdez no Brasil

No Brasil, conforme Goldfeld (1997), o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), foi criado em 1857, usando a língua de sinais como estrutura educacional. Porém, com o advento do Congresso de Milão em 1880, o instituto sofre a influência que leva a Educação para práticas de oralismo, na qual surdo deve aprender a falar, uso da escrita e leitura labial.

Segundo Lopes e Abreu (2017), revelam que as resoluções definidas em Milão levaram educadores a amarrar as mãos de surdos, para que não fizessem sinais. Para os autores (LOPES; ABREU, 2017, p. 10) “o congresso de Milão trouxe para a história dos surdos um período a qual a língua de sinais, a identidade surda, a comunidade surda ficou a margem de discussões, de pesquisas científicas.”

Este movimento reflete a busca pela cura e considera a deficiência, compreendendo uma corrente chamada “Ouvintismo”

colaborando, portanto, com a exclusão e invisibilidade das pessoas surdas a partir do modelo ouvinte.

De acordo com Skilar (1997, p.113) a visão clínico-terapêutica na qual “os surdos são considerados doentes reabilitáveis e as tentativas pedagógicas são unicamente práticas reabilitatórias derivadas do diagnóstico médico cujo fim é unicamente a ortopedia da fala”.

Skilar (1988), na tradição clínico-terapêutica, a surdez é vista como uma deficiência em relação à comunidade ouvinte, colocando os sujeitos surdos em desvantagem, se comparados à maioria da população.

Em contraponto à visão clínico-terapêutica, a concepção socioantropológica da surdez segundo Abreu (2020), traz a compreensão de que os surdos constituem um grupo minoritário, que se agrupam para discutir e opinar sobre suas vivências utilizando os sinais, pelo fato de serem seres visuais.

Nesta concepção de acordo com Santos (2021), surge a proposta do bilinguismo, que considera uma pessoa bilíngue quem se identifica como adepta de duas línguas, ou seja, quem convive paralelamente com duas formas de comunicação e equilibra os seus usos de acordo com a necessidade da situação.

Dessa forma, iniciamos a discussão sobre “o acesso à Cultura Surda e a Língua de Sinais, características específicas da comunidade surda, sendo a família e a escola os espaços privilegiados para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem nas pessoas surdas”. (ABREU, 2020), o que torna mais eficaz a aprendizagem.

Para Alves, Silva e Sá (2019), a visão clínica-patológica desvaloriza as capacidades do surdo e o exclui, pois trata a surdez como doença em busca de uma cura, enquanto a visão sócio-antropológica compreende o sujeito por sua diferença e não na deficiência, respeitando sua língua e cultura.

Nos dias de hoje, a aprovação de leis no Brasil como a lei nº 10.436/04.2002 que oficializou a LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, como forma de comunicação e expressão dos surdos do Brasil, e o Decreto 5.626/05, permitiu aos surdos a acessar: mercado de trabalho, inserção no ensino superior, formação de professores, instrutores, atendimentos na área da saúde e outros.

Neste sentido, dada importância da Libras para comunidade surda no contexto histórico cultural e o bilinguismo no acesso aos espaços de direito. É notório a importância de difusão da Língua Brasileira de Sinais legitimando as capacidades para promoção de atividades acessíveis que desenvolvam a concepção sócio-antropológica.

Espaço museal e a acessibilidade para surdos

Assim, o espaço museal que esperam visitantes deve-se pensar o mediador que conduzirá a ações e ambientação de forma bilíngue, observando a participação de pessoas surdas, incluindo guias surdos que saibam Libras. De acordo com Fernandes (2019, p.29), “a participação das pessoas com deficiência deve ocorrer, portanto, desde o planejamento até a execução das exposições, passando pela sua organização”.

Para Moraes (2013), a acessibilidade a museus vai além do espaço físico é necessário considerar adaptações, exemplos:

arquitetônica, comunicacional, atitudinal, programática, metodológica, instrumental e natural, para que se caminhe efetivamente em direção à eliminação de barreiras.

Fernandes (2019, p.41;47), afirma que o Museu Amanhã, foi criado em 2015, no Píer Mauá, momento de leis de Libras e Acessibilidade, regulamentações e normas técnicas específicas em vigor no país, com “proposta é despertar perguntas, estimular os visitantes à reflexão sobre possíveis cenários socioambientais e seus respectivos desafios e tendências”. O autor também revela que o museu conta, “no seu quadro de funcionários, com educador surdo e educadores com conhecimento de Libras conforme figura 01, que são colocados à disposição para a visita” agendadas por telefone ou e-mail.



Figura 01: Visita mediada com surdos (Museu do Amanhã, 2022)

Descrição da imagem: onze pessoas estão em semicírculo durante visita mediada realizada no Museu do Amanhã. Na foto, todas se comunicam

por Libras, sendo uma delas uma pessoa cega. O grupo está na Exposição Principal, próximo ao Cubo da Matéria - um Cubo de sete por sete metros, com fotografias de diferentes localidades naturais do Planeta Terra.

O autor ainda revela que na época, a coordenadora do museu afirmou que estava buscando estratégias, como: “a criação de um glossário de sinais das palavras mais complexas, criação de um site mais acessível e a introdução da janela de Libras em alguns espaços da exposição, principalmente na cúpula”. (FERNANDES, 2019. p. 91) para promover a autonomia do público surdo.

Dessa forma, entende-se que há vários tipos de perda auditiva e concepções para saber a melhor forma de atender o surdo. As concepções das áreas clínica e social são visões diferentes dentro do museu que permeiam os desafios e barreiras enfrentadas no contexto científico, são essas: promover a inclusão do público surdo, promoção da acessibilidade com legendas, vídeos, tradução ou uso de Libras, quebra de paradigmas, gerar autonomia para o usuário, vídeos dinâmicos e imagens para gerar mais clareza no entendimento, planejar para além do espaço arquitetônico, observar tendências, preparo das equipes, etc.

Museus acessíveis e o Museu do Amanhã

O Museu do Amanhã é um museu de ciências diferente, sendo “um ambiente de ideias, explorações e perguntas sobre a época de grandes mudanças em que vivemos e os diferentes caminhos que se abrem para o futuro” (BRASIL, 2022, pg. 2). Segundo o portal do museu, o “Amanhã não é uma data no calendário, não é um lugar aonde vamos chegar”. Assim, os autores abordam que o amanhã é uma construção da qual participamos todos, como pessoas, cidadãos, membros da espécie humana.

O Museu do Amanhã oferece uma narrativa sobre como poderemos viver e moldar os próximos 50 anos. Uma jornada rumo a futuros possíveis, a partir de grandes perguntas que a Humanidade sempre se fez. De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? (BRASIL, 2022, pg. 2)

A ação Entre os Museus Acessíveis (BRASIL, 2022, pg. 01), o Museu do Amanhã revela um projeto que “mobilização social e cultural que convida pessoas com deficiência visual e a comunidade surda a ocuparem a cidade e os museus”.

O grupo convida o público surdo para entrar, conhecer e circular pelo Museu do Amanhã e os museus parceiros, como também pelo caminho de historicidade que há entre eles.

As agendas são mediadas e fazem parte do Programa de Educação do Museu do Amanhã, “realizadas presencialmente, com o objetivo de trabalhar as narrativas curatoriais do Museu através da mediação de nossos educadores” (BRASIL, 2022, pg. 2).

Observa-se que as agenda de visitas são agendadas, com encontros entre quartas e sextas-feiras, sempre às 14h. Ainda, o museu deixa um contato³ de e-mail para o caso de dúvidas ao público.

Estas atividades colaboram com os compromissos da Organização das Nações Unidas (ONU) vinculados à Agenda do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que prevê 17 objetivos que devem ser implementados por todos os países até 2030, dos quais se destacam os objetivos 04 e 10.

Estes objetivos se declinam para assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades

3. visitas@museudoamanha.org.br

de aprendizagem ao longo da vida para todos, reduzindo a desigualdade dentro dos países e entre eles.

Experiência em atividade museal o Educador na cultura surda

De acordo com o Portal do Museu do Amanhã sobre o Museu em Libras e a Biodiversidade (BRASIL, 2022, pg 3), “o Museu em Libras é uma modalidade de mediação em língua brasileira de sinais oferecida pelo Museu do Amanhã”, sendo realizado bimestralmente de forma virtual e se destina ao público surdo ou aos interessados na língua.

Segundo a Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), estima-se que cerca de 75% das terras e 66% do Oceano já tenham sido alterados pela atividade humana, levando ao desaparecimento de muitos serviços ecossistêmicos. Nas últimas cinco décadas, a taxa global de mudança na natureza atingiu níveis nunca antes vistos na história da Humanidade.(BRASIL, 2022, pg.3)

Dessa forma, a Libras no artigo 14 do Decreto 5626 (BRASIL, 2005), considera o acesso das pessoas surdas à educação:

“as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior” (BRASIL, 2005, pg. 4)

Neste sentido, o educador surdo não deveria ser educador por ser surdo. É previsto na Lei que as Instituições Federais

devem realizar a promoção da acessibilidade, quando no Museu do Amanhã a própria língua, a Libras reflete a inclusão dos educadores no espaço institucional, conforme figura 2.



Figura 2: Sinal Museu Acessível

Descrição da imagem: O Educador do Museu do Amanhã, Bruno Baptista, um homem negro, com óculos quadrado de armação preta, está em close, com o globo terrestre do Museu ao fundo. Bruno usa uma camisa azul e faz o sinal do projeto Entre Museus Acessíveis: a mão esquerda com a palma voltada para frente e a mão direita por cima, em formato côncavo.

Assim, o Museu do Amanhã se preocupa com a manutenção das visitas em Libras e inserção do mediador surdo nos intentos, promovendo acesso à cultura surda, pensando coletivamente em políticas públicas de forma inclusiva e acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se aqui a necessidade do uso das tecnologias assistivas de forma permanente para inclusão de surdos, como: mediador surdo, vídeos, etc. Considera-se ainda o preparo de profissionais em cursos de Libras com aprofundamento, aparatos e vídeos das exposições com janela de Libras, criação de glossário dos termos-sinais da exposição, estabelecer parcerias com instituições especializadas para consultoria e capacitações. Considera-se a conscientização sobre as visões da surdez, bem como perceber que a Libras é uma língua e gera independência ao indivíduo.

Para saber mais — Referências Bibliográficas

ABREU, M. C. B. F. DE. **Abordagem socioantropológica da surdez, Língua de Sinais e Educação Bilíngue: Revista Obutchénie**, p. 711–734, 8 dez. 2020.

AGÊNCIA BRASIL. **Museus do Rio oferecem visitas mediadas para surdos**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-06/museus-do-rio-oferecem-visitas-mediadas-para-surdos>>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ALVES, Aline da Silva; SILVA, Margareth P. da; SÁ, Tatiane Militão. **Acessibilidade e os princípios do SUS**. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em saúde, 2019.

BRASIL. **Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva**. Brasília: CORDE, 2009.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. **Secretaria Especial da Cultura. Ministério do Turismo.** Educativo: Portal do Museu do Amanhã, 2022. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/entre-museus-acessiveis-julho-2022>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

DIÁRIO DO PORTO. **O Museu do Amanhã chega aos 5 milhões de visitantes.** Disponível em: <https://diariodoporto.com.br/museu-do-amanha-chega-aos-5-milhoes-de-visitantes/>>. Acesso em: 1 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

FERNANDES, André F. de Freitas. **A inclusão de surdos em museus de ciência: um estudo no Museu do Amanhã e no Museu da Vida.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz. , 2019.

GOMES, B. C. G. L. DE S. et al. **ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL EM MUSEUS DE CIÊNCIAS: REFLEXÕES SOBRE A TECNOLOGIA ASSISTIVA.** Humanidades & Inovação, v. 8, n. 35, p. 261–272, 23 jun. 2021.

GOLDFELD, M. **A Criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interativa.** São Paulo: Plexus, 1997

LOPES, A. C. A. DAS C.; ABREU, S. E. A. DE. **O CONGRESSO DE MILÃO (1880) COMO MARCO HISTÓRICO CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.** REVISTA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO, v. 2, n. 2, p. 01-12, 11 dez. 2017.

MORAIS, S. R.. **Museu de ciência: o diálogo com as diferenças.** 2013. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PETSI. **Tecnologia assistiva: a tecnologia a favor da acessibilidade e inclusão**, 2022. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/petsi/jornal/?p=2844>>.

SKLIAR, C.B. **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. In: SKLIAR, C.B. (Org.). Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 105-153.

SKLIAR, C.B. **Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade**. In: SKLIAR, C.B. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-31.

VALENTE, M.; CAZELLI, S.; ALVES, F. **Museus, ciência e educação: novos desafios**. v 12(suplemento): p. 183-203, 2005.

Projeto entre museus acessíveis: um caminho possível para amplificação das experiências de distintos públicos

Valéria Regina Abdalla Farias



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



POR QUE ISSO IMPORTA?

Para a reflexão deste texto, tomarei a seguinte indagação como ponto de partida: Por que isso importa? Para desenvolver a reflexão, precisarei me apresentar e indicar meu local de fala, aqui compreendido a partir da perspectiva da filósofa Djamila Ribeiro, ou seja, “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (2017). Sou uma mulher branca, sem deficiência, museóloga e tive meu primeiro contato com a demanda por acessibilidade nos museus durante o período de estágio da graduação.

Certa vez, em uma visita mediada com um grupo escolar de crianças da faixa dos 10 anos, havia um estudante em cadeira de rodas. A instituição tinha dois pavimentos e o acesso acontecia por meio de escada, o que inviabilizou a ida do menino à exposição do andar superior. A sensação de impotência não resolveu a barreira apresentada naquela ocasião, mas foi o início do meu interesse pela acessibilidade cultural. Desde então o tema passou a habitar meu ser e, atualmente, é difícil imaginar o fazer museológico que não seja atravessado por acessibilidade e inclusão.

Em determinadas ocasiões, podemos considerar que as propostas não irão se concretizar, são pouco significativas ou até mesmo sem importância. Entretanto, basta um singelo retorno do público para que lembremos o que nos move e o porquê estamos aqui. Isso importa porque somos seres diversos e com formas distintas de perceber e estar no mundo, entretanto alguns parâmetros de corpos, pensamentos e modos de viver são tomados como padrão, fazendo com que muitas pessoas não sejam consideradas para a vida em sociedade. Assim, penso na acessibilidade como um meio para que todas as pessoas possam participar das diversas atividades da sociedade, sem exclusão.

Enquanto profissional de museu posso contribuir para que as instituições museológicas sejam cada vez mais inclusivas e cumpram com sua função social. Também me sinto comprometida em levantar a discussão, dentro das instituições, acerca da necessidade de cada vez mais contarmos com profissionais com deficiência em nossas equipes — prezando pelo protagonismo desses indivíduos e respeitando o histórico de luta das pessoas com deficiência.

O Entre Museus Acessíveis é um projeto que nos tem tirado da zona de conforto e feito repensar sobre as práticas e teorias que carregamos conosco. Alguns encontros causam desconforto, principalmente porque vamos descobrindo que não temos todas as respostas e precisamos transformar muito as instituições museológicas para que estejam acessíveis a todas as pessoas.

Por meio da participação de projetos que tenham como premissa a acessibilidade e que envolvam profissionais de diferentes instituições, aprendemos uns com os outros, trocamos energias e fortalecemos o campo da acessibilidade e da inclusão. A coletividade nos dá força para seguir nesse caminho, o qual tem se mostrando sem volta.

Na próxima seção, trago uma reflexão acerca da multissensorialidade nos museus, da relevância das propostas multissensoriais e acessíveis atravessarem as diversas áreas do museu e do protagonismo das pessoas com deficiência nos assuntos que lhe dizem respeito. Em seguida, apresento brevemente conexões estabelecidas entre o Museu do Amanhã e o Museu Histórico Nacional, aponto algumas observações sobre o desenvolvimento do Projeto Entre Museus Acessíveis até o momento e, finalmente, um conjunto de considerações que não são finais.

MULTISSENSORIALIDADE EM MUSEUS: UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Se por muito tempo os museus estiveram focados em suas coleções, mais especificamente a partir da segunda metade do século XX passaram a direcionar, também, atenção para os

públicos e para as expectativas destes quanto à instituição. Essas transformações também vão se refletir, a passos lentos, no âmbito da acessibilidade aos distintos públicos, com foco nas pessoas com deficiência; no entanto, os museus estão longe de atingir metas desejadas no assunto (COSTA et. al, 2021).

Vamos recorrer à reflexão do filósofo e fotógrafo cego Evgen Bavcar para abordar o acesso de pessoas com deficiência aos espaços culturais, a do “museu de outra percepção”: um museu com abordagens diferentes do habitual, que abarque pessoas que enxergam de outra maneira. Bavcar diz que esse museu ainda não existe e os que existem são pautados na lógica do olhar físico, já que há predominância de uma perspectiva oculocêntrica no mundo, a qual se sobrepõe às outras percepções e perspectivas (BAVCAR, 2015).

Na mesma linha de Bavcar, Joana Belarmino Sousa (2004) indica a existência de um paradigma visuocêntrico na sociedade, na medida em que a visão ocupa uma centralidade em relação aos outros sentidos. Nas pessoas que enxergam, ocorre a chamada sobrecodificação sensorial, ou seja, a visão se faz dominante e sintetiza as percepções captadas pelos outros sentidos. Essa dominação da visão é tomada como “padrão” e “adequada”, fazendo com que outras percepções, como, por exemplo, as das pessoas com deficiência visual sejam consideradas limitadas e incompletas (KASTRUP, CARIJÓ & ALMEIDA, 2009).

A partir dos estudos desenvolvidos, na década de 1960, pelos biólogos Maturana e Varela, e que deram origem à teoria da *autopoiese*, os indivíduos atribuem sentido à realidade a partir das suas próprias organizações internas, ainda que se

considerem as interações, a participação e a influência do meio sobre eles. Nessa perspectiva, existem diferentes formas de perceber o mundo e o relevante é compreender como isso ocorre (ANDRADE, 2012). Ao abordarem o campo da deficiência visual, Kastrup, Carijó e Almeida (2009) reforçam que os corpos cognitivos de pessoas cegas e videntes são distintos, mas todos percebem o mundo integralmente.

Se existem distintos corpos, comportamentos e formas de ser e estar no mundo, a deficiência não deveria ser percebida como parte da diversidade humana? Essa perspectiva dialoga com a proposta da contra-acessibilidade, isto é, “formas ampliadas de pensarmos a interação e as práticas de transformação da relação entre indivíduo e sociedade”, sem perder o foco da inclusão social das pessoas com deficiência (COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2020).

E se, para nossa organização em sociedade, tomássemos como ponto de partida que não existem padrões de corpos? Como seriam as ruas, as casas, as escolas, os parques, os transportes públicos, os espaços culturais, de lazer, de esporte e os espaços de trabalho? Com esses lugares ocupados por distintos corpos, as relações entre as pessoas seriam muito diferentes das de hoje? Se vivêssemos nessa perspectiva, o “museu de outra percepção” de Bavcar ainda faria sentido? Como seria um museu que ultrapassasse a lógica oculocêntrica, com abordagens que representassem as distintas formas de perceber o mundo?

Levant e Pascual-Leone (2014), que se reportam à neurociência, afirmam que toda experiência do mundo é

multissensorial. De acordo com os pesquisadores, a experiência de perceber o mundo é multimodal, isto é, em uma percepção, podemos integrar impressões oriundas de diferentes modalidades sensoriais. Também conseguimos, por exemplo, conhecer uma forma pelo tato e identificá-la pela visão, ou seja, nosso cérebro é capaz de captar informação de uma modalidade e aplicá-la em outra. Com essa explanação, Levant e Pascual-Leone (2014) apontam que a neurociência passou a entender que o cérebro não é um receptor de informações por meio dos sentidos, mas um órgão que busca ativamente informações para confirmar ou não previsões. Assim, o cérebro é um criador de expectativas e hipóteses da realidade, que são contrastadas com a experiência.

Ainda que os seres humanos tenham uma essência multissensorial, os museus, como já dito anteriormente, exploram em excesso o sentido da visão e apresentam poucas propostas multissensoriais, limitando as distintas possibilidades de experiências dos indivíduos em seus espaços, tornando-as, muitas vezes, pouco significativas. Por isso, indico que os museus precisam diversificar suas estratégias a fim de atenderem as demandas dos públicos, que são seres multissensoriais, sejam pessoas com ou sem deficiência.

No que tange a acessibilidade dos museus às pessoas cegas, um grande indicativo é utilização do tato como meio de acesso às obras. No entanto, em boa parte das exposições, encontramos objetos do acervo em vitrines ou expostos de forma a serem percebidos pelo olhar e a se manterem distantes do contato físico do público. Logicamente que entendemos que os museus são responsáveis pela salvaguarda do seu patrimônio, mas será

que há discussão entre as equipes sobre a existência de itens do acervo em condições de fazerem parte de propostas táteis, por exemplo? Neves (2010) refere que é “mais frequente que os bens se vejam deteriorados pelas condições do seu armazenamento do que pelos estragos que lhe possam ser infringidos pelo seu manuseamento” (p. 184).

Ainda que seja relevante discutir como trabalhar o sentido do tato junto às coleções, podemos pensar em outras possibilidades, também táteis, mas que não se restrinjam ao acervo. A partir de uma tela, é possível ter elementos que façam referência ao que está representado na obra, como, por exemplo, texturas da roupa de um personagem.

Propostas pautadas na percepção tátil têm potencial para enriquecer as experiências de distintos públicos, sobretudo porque permitem que as pessoas conheçam um determinado item por meio do contato, o que não acontece através da visão - que funciona à distância, assim como a audição (KASTRUP, 2015). Ao utilizar o tato, movimentamos dedos, mãos e braços para perceber forma, tamanho, espaço, textura e temperatura de algo (CANDLIN, 2004; KASTRUP, 2015).

Neste momento, convido você para um exercício: coloque um objeto sobre uma superfície à sua frente e observe-o por alguns instantes. Agora, toque-o de forma que possa percebê-lo como um todo. O que aconteceu de diferente entre as experiências? O quanto você movimentou seu corpo nas duas percepções? Teve algo que você captou apenas por meio do olhar? E por meio da experiência tátil?

As propostas táteis não são as únicas possíveis, além da visão. Acaba-se dando um foco maior para essa percepção por ser uma forma bastante demandada por grupos de pessoas cegas. Além disso, é um importante meio para o acesso às coleções, mas que ainda é tabu nos museus. Vale mencionar que experiências que se ancoram nos sentidos da audição, olfato e paladar são bem-vindas.

Depois dos recursos visuais, os sonoros estão entre os mais utilizados nos espaços dos museus, especialmente por meio de elementos audiovisuais. Segundo Almeida e Mont' Alvão (2022), eles podem compor uma proposta ou serem a proposta dentro de uma narrativa. A pintura de uma exposição pode contar com uma música para criar uma atmosfera que dialoga com a temática representada na tela. Como elemento principal, os depoimentos são um exemplo emblemático (MELO & GUEDES, 2018).

Quanto aos elementos olfativos e gustativos, são menos utilizados principalmente por apresentarem dificuldade na manutenção - ao menos de acordo com nossos conhecimentos até o momento. Para Stevenson (2014), os recursos olfativos favorecem a imersão na temática da exposição, inclusive ativando recordações antigas. Faz-se necessário estudar como utilizá-lo, visto que, em excesso, pode causar fadiga (ALMEIDA & MONT'ALVÃO, 2022).

Almeida e Mont'Alvão (2022) referem que o paladar está profundamente conectado ao olfato, sendo que o primeiro é o sentido da proximidade, enquanto que o segundo funciona à distância. As experiências gustativas podem ser agregadas aos assuntos de uma exposição em ambientes de alimentação

da instituição, por meio de itens temáticos no cardápio da lanchonete, por exemplo.

Os recursos no âmbito da acessibilidade, inclusão e multissensorialidade podem e devem se apresentar em narrativas expográficas e em educativas, mas o que se percebe com frequência é sua presença marcante nas propostas educativas. Educadores museais costumam utilizar objetos mediadores em ações educativas, os quais são elementos que não fazem parte da exposição, mas estão presentes na mediação e contribuem para a exploração das temáticas abordadas (FERREIRA, 2014).

Muitas vezes é por meio dessas ferramentas que os recursos multissensoriais se fazem presentes nas visitas mediadas. Destaco que é importante que as ações educativas explorem os distintos sentidos, mas a problemática é quando apenas essa área do museu traz propostas que atendam as demandas dos distintos públicos, o que precisaria ser um compromisso de toda a instituição.

Para pensar em propostas acessíveis, deve-se contar com a participação ativa das pessoas com deficiência no processo, especialmente reconhecendo-as como especialistas e não apenas como alvo das ações. É o que Alves e Moraes (2018) intitulam de *fazerCOMe* não apenas *PARA* as pessoas com deficiência. Garantir o protagonismo desses indivíduos favorece que as propostas sejam mais eficazes, fortalece a troca de experiências entre pessoas com e sem deficiência e assegura o direito da participação na vida cultural da comunidade (COHEN, DUARTE & BRASILEIRO, 2012; SARRAF 2018).

CONEXÕES ENTRE MUSEU DO AMANHÃ E MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Entre os anos de 2018 e 2019, vivenciei, enquanto integrante do Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional, alguns encontros que aconteceram entre as equipes do Museu do Amanhã e do Museu Histórico Nacional para pensar em propostas no campo da acessibilidade envolvendo as duas instituições.

As dúvidas eram inúmeras e muito lentamente íamos discutindo sobre as possibilidades. No meio do caminho, desenvolvemos diálogos de sensibilização entre os envolvidos, a partir do protagonismo dos educadores com deficiência das duas instituições.

Assim, o educador Leonardo Oliveira, do Museu Histórico, conversou sobre acessibilidade atitudinal - com foco nas pessoas com deficiência visual - com a equipe do Museu do Amanhã. Já o educador Bruno Baptista, do Museu do Amanhã, conversou com a equipe do Museu Histórico Nacional sobre possibilidades para ações educativas museais com envolvimento do público surdo. Dentre os assuntos abordados pelos educadores, vale destacar:

- Barreiras físicas, sensoriais e comunicacionais; como abordar as pessoas com deficiência; e orientação e mobilidade de pessoas com deficiência visual.
- Libras e a comunidade surda; possíveis problemáticas envolvendo visitas mediadas com intérpretes com pouco conhecimento acerca dos temas; e proposta de atividade educativa por meio de movimentos do corpo.

Alguns meses após a realização dos encontros de sensibilização, os museus do Brasil inteiro fecharam suas portas devido à pandemia de Covid-19, inviabilizando qualquer proposta de atividade presencial. Ao final do primeiro ano da pandemia, o Museu Histórico Nacional teve seu contrato de educadores interrompido, fato que inviabilizou a maioria das ações previstas e impossibilitou a participação em novas empreitadas.

Devido a tudo o que estávamos vivendo no mundo e devido a nossa realidade institucional, abrimos mão de muitos projetos. Tristeza, frustração e desânimo me habitaram por um longo período. Após algum tempo, pude refletir sobre os encontros ocorridos entre Museu do Amanhã e Museu Histórico Nacional e me dei conta de que eu não era mais a mesma pessoa. Concluí que o saldo foi bastante positivo porque os envolvidos foram afetados, de alguma forma, pelas vivências e trocas dos encontros. Como posso dizer que sou a mesma depois que o Bruno Baptista nos fez refletir sobre formas de apresentar um núcleo da exposição por meio de gestos e expressões corporais, sem utilizar Libras ou a língua portuguesa?

Hoje tenho a oportunidade de acompanhar de perto o Projeto Entre Museus Acessíveis devido às conexões criadas a partir daqueles encontros. Cada vez mais tenho a certeza de que estabelecer conexões com outras instituições e profissionais intensifica as possibilidades de aprendizado, fortalece nossa pauta e deixa o caminho mais suave.

ENTRE MUSEUS ACESSÍVEIS: REFLEXÕES INICIAIS

Inicialmente, ressalto que o *fazerCOM* é uma premissa do projeto Entre Museus Acessíveis: os grupos de pessoas surdas e pessoas com deficiência visual são compreendidos como públicos do projeto, mas também como especialistas, na medida em que fazem parte da comissão estabelecida pelo projeto e da equipe de educadores museais.

O Entre Museus Acessíveis está em seu primeiro ano e conta com um cronograma de duas visitas mediadas semanais, sendo uma no Museu do Amanhã e outra no Museu da República; além de uma visita mensal de bicicleta para percorrer o trajeto histórico que conecta as duas instituições. As visitas foram coordenadas pelas equipes dos museus, com destaque para a equipe de educadores do Museu do Amanhã, que criou os roteiros educativos e desenvolveu as ações educativas.

O Museu da República aborda a história republicana do Brasil e a história da própria edificação onde o museu está instalado, por meio de uma exposição pautada em seu acervo constituído por obras de arte - especialmente pinturas e esculturas -, mobiliário, fotos, documentos, peças de indumentária e objetos diversos.

O Museu do Amanhã é um museu de ciências que busca fazer o público refletir sobre como poderemos viver nos próximos anos, a partir das questões: de onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? A narrativa da exposição conta com diversos recursos tecnológicos pautados em elementos visuais e audiovisuais. O museu possui, também, um jogo em seu circuito expositivo e um objeto físico do acervo, o churinga.

Instituições com tipologias distintas, mas que se conectam por meio das reflexões que provocam sobre nosso passado, o momento presente e o futuro que queremos construir. Uma exposição com inúmeros recursos tecnológicos digitais e um item físico. Outra exposição que não conta com elementos tecnológicos, mas é pautada em inúmeros itens da cultura material. As duas instituições têm um forte apelo visual, ainda que existam interações e recursos sonoros no Museu do Amanhã - a interação é pautada na visualidade e os recursos sonoros dependem dos elementos visuais.

Desse modo, os roteiros das visitas do projeto foram estruturados a partir das temáticas das exposições, mas com outra perspectiva de experimentar os espaços, especialmente por meio de objetos mediadores com possibilidades táteis e de recursos sonoros - músicas e ambientações -, com o objetivo de se apresentarem como propostas multissensoriais e acessíveis aos públicos envolvidos. Destaco que as propostas com foco na visualidade não deixaram de ser exploradas - sobretudo quando há envolvimento de pessoas surdas - e os recursos disponíveis são utilizados de acordo com a demanda dos visitantes.

No Museu do Amanhã, a mediação tem ocorrido por meio da contação de histórias sobre a origem do Universo, com a utilização de elementos táteis e de recursos sonoros com músicas e ambientações. Descrições de vídeos e/ ou imagens se fazem presentes, sobretudo em espaços onde os elementos visuais da exposição são peças-chave e os visitantes são pessoas com deficiência visual. Durante o processo, propostas de novos objetos mediadores surgiram para compor o roteiro pautado na contação de histórias.

Em relação ao Museu da República, a mediação tem como fio condutor a história do prédio e de seus personagens - apresentada pela equipe do museu -, com inserção de objetos mediadores com possibilidade táteis e músicas do período histórico do roteiro. Além disso, ao longo das visitas, surgiu a ideia de utilizar grãos de café como elementos olfativos, vislumbrando a conexão com a história apresentada.

Ao final de cada ação educativa, há um momento reservado para o lanche, que pode ser percebido como a continuação da proposta, como experiência gustativa, na medida em que interações acontecem, as pessoas falam sobre a visita, apresentam-se umas às outras, estabelecem vínculos e o afeto se faz muito presente.

As iniciativas multissensoriais do projeto têm potencial para diversificar as relações dos participantes com o espaço, com os educadores e entre os próprios participantes; de expandir as formas de comunicação; de proporcionar a ocupação do espaço do museu de forma distinta da tradicional; de aprofundar a conexão com as temáticas abordadas; e de proporcionar que as diferentes formas de perceber o mundo sejam contempladas e respeitadas, conforme a proposta do museu de Bavcar.

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

Ao acompanhar o Entre Museus Acessíveis como parte da comissão que foi instituída, consigo reconhecê-lo como um projeto bastante potente. É potente por se mostrar estar num caminho possível para contribuir para a ressignificação da apropriação dos espaços museológicos por parte dos públicos;

por reconhecer a urgência do protagonismo e representatividade das pessoas com deficiência nos processos museológicos; por reconhecer a riqueza da coletividade na construção das propostas; e por buscar diversificar as narrativas acerca das temáticas abordadas nas exposições, por meio de ações educativas dinâmicas, reflexivas, com propostas multissensoriais que amplificam as experiências dos públicos nos museus.

É relevante ressaltar que o Entre Museus Acessíveis tem uma grande participação de profissionais envolvidos com a educação museal. Pesquisadores como Martins (2017) indicam que muitas das ações acessíveis dos museus ocorrem por meio de suas áreas educativas. Isso acontece porque os educadores estão em constante contato com o público, o que favorece a identificação mais rápida de suas demandas, expectativas, anseios e frustrações, incluindo as barreiras que as instituições apresentam e que impedem ou dificultam a fruição cultural de distintos públicos.

Há de se reconhecer a força da educação museal para que os museus sejam espaços mais acessíveis e inclusivos, porém não basta que a temática se limite a essa área. Faz-se necessário que as pautas da acessibilidade e da inclusão perpassem todas as esferas dos museus, de forma que se fixem e criem raízes ao estilo dos baobás, para que sejam compreendidas como elementos essenciais das políticas institucionais.

Para saber mais — Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Eveline; MONT'ALVÃO, Claudia. **Acessibilidade e possibilidades multissensoriais em estratégias de comunicação museológica para o público com deficiência visual.** *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 11, n. 21, p. 299-317, 2022.

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Marcia. **Entre Histórias e Mediações: Um caminho para acessibilidade estética em espaços culturais.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, p. 584-594, 2018.

ANDRADE, Claudia Castro de. **A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela.** *Griot: revista de filosofia*, v. 6, n. 2, p. 98-121, 2012.

BAVCAR, Evgen. **O museu de outra percepção.** In: LEYTON, Daina et al. *Programa Igual Diferente*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015.

CANDLIN, Fiona. **Don'ttouch! Hands off! Art, blindnessandtheconservationof expertise.** *Body & Society*, v. 10, n. 1, p. 71-90, 2004.

COHEN, R.; DUARTE, C. R. S.; BRASILEIRO, A. B. H. **Acessibilidade a museus.** *Cadernos Museológicos*, v.2, 2012.

COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Contracartilha de acessibilidade: reconfigurando o corpo e a sociedade.** 2020.

COSTA, Andréa Fernandes et al. **Pessoas com deficiência em museus de ciência: perfil e opinião dos visitantes espontâneos.** *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v. 9, n. 1, p. 55-72, 2021.

FERREIRA, Inês. **Objetos mediadores em museus.** *MIDAS. Museus e*

estudos interdisciplinares, 2014, 4.

KASTRUP, V.; CARIJÓ, F. H.; DE ALMEIDA, M. C. **Abordagem da enação no campo da Deficiência Visual**. Informática na educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 2010.

KASTRUP, Virginia. **O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira**. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 8, n. 3, 2015.

LEVANT, Nina; PASCUAL-LEONE, Alvaro. **Multisensorymuseum: crossdisciplinary perspectives on touch, sound, smell, memory and space**. Maryland: Rowman&Littlefield, 2014.

MARTINS, Patrícia Roque. **Museus (IN) capacitantes: deficiência, acessibilidades e inclusão em museus de arte**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017.

MELO, M. O.; GUEDES, S. P. L. C. **Museu: espaço sensorial**. Museologia e Patrimônio, v.11, n.1, p. 36-58, 2018.

NEVES, Josélia. **Comunicação multi-sensorial em contexto museológico**. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, v. 2, p. 180-192, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, v. 6, p. 23-43, 2018.

SOUSA, Joana Belarmino. **Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura**. 2004. Tese (Doutorado)___Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004

Abstract geometric lines in the top right corner of the page, consisting of several intersecting lines in a dark gray color.

02

TRILHAS E CAUSOS

Caminhos e reverberações
de mediação nos museus
e na rua

Desafios e experiências no posicionamento do educador surdo no museu do amanhã e no museu da república com diferentes públicos

Bruno Baptista



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO

Qual a importância do projeto Entre Museus Acessíveis?

O projeto Entre Museus Acessíveis fortalece as comunidades a interagirem, valorizando principalmente os espaços museais. E o Museu do Amanhã, juntamente com o Museu da República pensaram em ofertar, principalmente, visitas aos públicos surdos e cegos. A proposta é pensar em todo o processo que esses grupos sintam-se pertencentes a este local. E assim, o projeto Entre Museus Acessíveis tem o objetivo de criar estratégias para possibilitar o acolhimento desse público, de pessoas com deficiência. Esses públicos seriam de pessoas cegas e pessoas

surdas, assim, as estratégias foram desafiadoras para o Entre Museus Acessíveis, mas mesmo assim, foi possível auxiliar essas duas instituições para executá-lo.

Nesse projeto, entendeu-se que não existia nada definitivamente pronto para atuar na realização do projeto, então foi criada uma Comissão com profissionais, com pessoas que vivenciaram isso nas suas experiências para estarem como consultores, alguns enquanto liderança surda, para que, ao acessibilizar o museu, fosse entendido do assunto. Assim, houve também dois representantes, eu, Bruno, enquanto pessoa surda, e Eduarda Emerick, enquanto pessoa cega. Essas representatividades pensaram também em que propósitos e propostas poderiam ser passadas para o Entre Museus Acessíveis, construindo assim mais conhecimentos e tendo formações para isso.

O projeto Entre Museus Acessíveis capacitou a partir de orientações e consultorias a identificar soluções durante o processo, para a resolução de possíveis barreiras dentro dos museus. Muitas vezes, a acessibilidade proposta não é suficiente para as pessoas, visto que muitas pessoas se preocupam muitas das vezes com objetos para acessibilizar como rampas para pessoas cadeirantes, e elevador ou banheiros adaptados para pessoas com deficiências.

Essa é a preocupação, mas não é o bastante, pensando que existem leis que já acordam tais normativas. Os museus, enquanto espaços de arte, cultura e ciências, ainda trazem dificuldades e barreiras para esses públicos. Então, a proposta foi criar estratégias, tendo a acessibilidade estética para apoiar esses grupos.

Nesse sentido, entendemos que para pessoas cegas é preciso ter além de recursos como o Braille, mas também tenham pessoas que entendam a cultura desse público e suas necessidades, assim como na cultura da comunidade surda, compreender que apenas a tradução e interpretação não são suficientes para a compreensão plena dos conteúdos.

Muitas das vezes, a inserção de um profissional que conheça a poética, classificadores da própria língua e os contextos, e a partir do conteúdo, possa se tornar um modelo linguístico para os outros e estimular o público. Assim o Entre Museus Acessíveis me deu condições para resolução de possíveis problemas e elaboração de estratégias. O Entre Museus Acessíveis é um formato para apoiar instituições diversas a pensar em quais problemáticas existem e como podemos melhorar para termos acesso a esses espaços.

Quais estratégias e resoluções para as ações foram feitas?

Eu, Bruno, enquanto uma das lideranças surdas, através de contatos que tinha com outras pessoas surdas, pude buscar dados de pessoas para participar. Por exemplo, eu, Bruno, sou surdo e convivo com outras pessoas dentro da sociedade que também são surdas, como por exemplo, em escolas que possuem pessoas surdas, as associações de surdos que tenho contato, profissionais como professores que conhecem surdos e conseguem entrar em contato, e as minhas próprias mídias sociais que utilizo para divulgações pessoais. Esses aspectos me ajudaram a criar estratégias para os museus, tendo como foco principal as pessoas surdas. As instituições, às vezes, trazem informações que são acessíveis mas continuam trazendo barreiras de acesso para esses grupos. Por isso, enquanto pessoa surda,

eu consigo trazer esse apoio às instituições. O museu precisa contratar funcionários surdos para que eles consigam desenvolver e trazer pessoas surdas enquanto visitantes também, como por exemplo, eu que participo da comunidade surda, posso entrar em contato com outras pessoas da sociedade para conseguir melhorar isso, convidando outros surdos para que eles também possam experimentar das mesmas emoções que eu sinto.

Assim, conto pra vocês alguns dos relatos de pessoas que puderam experienciar as visitas do projeto O relato será de uma mulher surda e também de um homem surdo. Ambos se apresentam e contam das experiências que tiveram com o projeto.

Relato 01:

“Olá, meu nome é Thaíssa e esse é o meu sinal. A visita ao Museu do Amanhã foi muito boa, foi maravilhosa. Mas, eu já tinha ido algumas vezes já, e no momento em que eu recebi o convite para voltar, eu fiquei um pouco reflexiva, mas resolvi aceitar.

E chegando lá, foi uma surpresa muito diferente. O Bruno explicou detalhadamente cada programação, cada história, cada conteúdo. Porque antes tinha a presença do intérprete e não era a mesma relação. E com a presença de uma pessoa surda, sinalizante, foi muito legal de acompanhar. E também fomos ao Museu da República que também foi muito bom, porque eu já tinha um contato com as aulas de história, mas, não era muito interessante, sabe?! E não era muito bem explicado, mas, no momento em que o Bruno começou a explicar, eu consegui “linkar” a tudo que eu já havia estudado

e foi uma surpresa muito boa. Eu fiquei muito surpresa de poder acompanhar, porque as aulas são muito diferentes e vendo uma pessoa surda sinalizando vocês vão amar. Eu tenho certeza! Porque a Língua de Sinais é muito gostosa e ela é própria do surdo.

E eu espero que vocês visitem o Museu do Amanhã, o Museu da República e eu espero que vocês gostem também. E eu acredito que vão. Beijos!”

Relato 02:

“Boa noite, meu nome é Michael e este é o meu sinal. Ok?!”

Eu gostaria de parabenizar a todos vocês que trabalham na Comissão do Entre Museus Acessíveis. Gostaria de parabenizá-los pelo bom trabalho de vocês. Parabéns!

Eu fui às visitas do Museu do Amanhã, ao rolê de bike, onde passamos por alguns pontos, e também, ao Museu da República. Eu fui nesses 3 lugares, eu participei desses 3 momentos.

Então, eu gostei muito foi do rolê de bike. Eu adorei porque eu pude conversar com os surdos, eu pude pedalar. Eu amo pedalar. E um outro ponto também, a vocês que estão trabalhando na comissão do Entre Museus Acessíveis, algo que poderia consertar. É só uma sugestão, não está ruim, está ótimo. Mas, é só se pudesse mudar. Que seria, por exemplo, se tivesse alguma pessoa, um personagem da história da história, alguma escultura, alguma igreja, algo relacionado a história, vocês poderiam, vocês que fazem parte da

programação, que explicam, se poderiam ir direto ao assunto. Poderia ser mais objetivos, evitar explicações muito longas. Sabe porque? Nós, surdos, quando a gente fica olhando a sinalização parece que perde muita informação e a gente só fica observando. E a gente não fica tão dinâmico assim. Parece que, um exemplo, parece que dá sono e não prende a atenção. Então, vocês que trabalham poderiam corrigir isso. Se tiver algum acontecimento, algum ponto da história, poderiam trazer isso pra gente em forma de provocações que nos façam opinar também, que nos façam participativos da conversa, e ter alguma atenção. Até mesmo se tiver alguma coisa certa ou errada. Então, não precisa ser algo muito extenso, pode ser mais curto para priorizar a nossa interação, estando nós certos ou errados em nossas opiniões. Para a gente poder trabalhar mais o nosso cérebro, para a gente ser mais dinâmico, pois essa interação nos ajuda a entender o que é certo e o que é errado. E vocês que trabalham na organização poderiam se atentar um pouco nisso e evitar explicações muito longas e priorizar as provocações para a gente, sabe?! Então, era isso.

Então, parabenizá-los de novo por esse projeto. Um abraço. Beijos.”

E agora dentro do museu, quais são as estratégias necessárias para a melhoria?

Ao entrar no museu, eu comecei a perceber que os conteúdos que me eram oferecidos eram grandes desafios para mim. A aquisição desses conhecimentos se deu através de pesquisas e dos encontros para conseguir entender os conteúdos. O Museu

do Amanhã possui cinco áreas na sua exposição principal, e eu tive que criar estratégias através da Língua de Sinais para ser passado, que muitas das vezes também era uma dificuldade para o grupo de surdos. Por exemplo, no Cosmos, como a seguinte pergunta em português “De onde viemos?” pode ser adaptada para a Língua de Sinais? “De onde viemos?” ou “Você veio de onde?” ou “No universo, pegou alguma carona com um E.T.?”, e através de estratégias, como usar o humor, pode ser compreendida a frase sinalizada. E ali também podemos falar sobre o “Big Bang” e a sua teoria, e como é passada através da Língua de Sinais, de classificadores, expressões e com uma corporalidade que traz diversas ações diversas para esse público.

E no Museu da República, houve uma grande dificuldade para pensar, já que lá dentro o significado Museu da República traz consigo conceitos, como tipos de governança e histórias de imperadores, até mudar para a época da República, trazendo como marco histórico a morte de Getúlio Vargas, que é conhecida por muitos dentro da matéria de história.

Muitas pessoas aprendem muito rápido as informações, porém a ideia da história do “Barão” traz consigo um conceito de uma pessoa muito rica, que pode ter sido presenteada pelos imperadores, e buscar novas terras. Só que esta palavra, muita das vezes não é compreendida por muitos surdos, e uma das estratégias foi apresentar imagens, ou trabalhar a partir de classificadores, ideias imagéticas e informações que podem ser mostradas para complementar durante a mediação no Museu da República.

Agora, eu fico esperançoso e emocionado trabalhando com a equipe, pensando que com este trabalho, tive diversos

encontros e aprendizados, além de conhecimentos com todos. Por exemplo, uma das educadoras chamada Herica, que ao se esforçar em se comunicar através da língua de sinais, me tocou muito na comunicação com outras pessoas surdas. Fiquei muito feliz pensando que isso sim poderia ser uma inclusão na sociedade a partir da comunicação. Às vezes, os surdos não precisam ser dependentes da acessibilidade ofertada pela tradução e interpretação ou do atendimento, e sim, ele precisa da autonomia. Segue a partir daí um vídeo onde Herica consegue se comunicar com uma criança surda e isso me emocionou por ser algo magnífico e inclusivo. E isso é de fato uma luta através da acessibilidade.

“Hérica Lima, mulher branca, ouvinte e Supervisora de Educação do Museu do Amanhã, realiza mediação em Libras com um grupo de crianças e adolescentes surdos de uma escola de Magé, em um dos ambientes da exposição permanente do Museu da República. No vídeo, Hérica conversa diretamente com uma das meninas do grupo. Da sala, elas olham para a janela, onde há um contraste arquitetônico entre o Museu e a Rua do Catete: No vídeo, Hérica fala sobre como os imperadores acenavam seus súditos pela janela.”

Assim, a Hérica traz consigo o esforço e o contato de pessoas surdas para sua interação e comunicação, trazendo um desenvolvimento e melhoria para a ação. Hérica consegue conversar com os surdos através de sinais básicos e de expressões corporais faciais, me trazendo felicidade em poder acompanhar isso.

Na minha sinalização com crianças pequenas uso classificadores juntamente com o uso do corpo e das expressões,

sendo essas muito importantes para que elas absorvam a visualidade local, identifiquem essas informações e consigam também o desenvolver da fala. Às vezes, uma sinalização robusta pode não marcar essa criança, mas sim uma história. Muitas vezes, as crianças lembram que no Museu do Amanhã podem ter feito algo e isso nos orgulha muito no momento.

O educador surdo é de suma importância para os espaços museais, pois o mesmo é capaz de criar estratégias de conteúdo, já que muitas vezes, o que é ofertado no museu não está completamente acessível, e o educador surdo pensa a partir de suas formações e aprendizados, uma forma de acessibilizar esses conteúdos. O que não pode ter é profissionais formados e não ter acessibilidade em relação a essas proposições. Nesse caso, a disposição de intérpretes para comunicações mais gerais como reuniões, formações, e outros encontros em que todos participem, é possível a absorção de conhecimentos de forma visual, e estar inserido nesses espaços em contato, é um desenvolvimento grande, mas caso ele não seja inserido, podem ter inúmeras barreiras de comunicação e não ter o desenvolvimento e formação desse sujeito.

Por isso, a inserção de educadores surdos dentro dos espaços museais são de suma importância para ter acessibilidade não só no Museu do Amanhã, mas estar inserido no Museu da República. A forma de interação fez com que os surdos aprendessem esses conteúdos. Essa é uma estratégia base para fazer a melhoria.

O toque como experiência sensível e a importância da representatividade em espaços culturais

Eduarda Emerick



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO

Oi gente! Eu sou a Duda Emerick. Eu gosto de ser chamada de Duda. O meu sinal é esse aqui: 2 vezes a letra “d” no meu lado esquerdo do pescoço. Eu sou uma mulher cega total, estou sentada em uma cadeira, meus cabelos são pretos, ondulados, longos e estão soltos. Uso brincos. O meu rosto... os meus olhos são levemente fechados. Eu sou uma mulher baixa, estou usando uma blusa de manga cumprida como se fosse um casaco, cinza e preto, essa blusa tem uma gola também cinza e preta. Estou usando calça jeans e tênis cinza. Eu estou sentada, e do meu

lado esquerdo, mas do lado direito de vocês, temos a lateral do Museu do Amanhã e atrás de mim, nós temos um prédio histórico chamado: A noite. Eu sou formada em ciências biológicas na área da licenciatura. E atualmente eu sou educadora junior aqui no Museu do Amanhã .

A minha chegada aqui no museu foi muito surpresa para mim! Eu amo museus, eu já trabalhei como educadora no Museu Nacional. Eu gosto muito de fazer mediação, eu gosto muito de lidar com público. E em abril deste ano, dia 4 de abril, após passar pelo processo seletivo, enviar currículo e fazer entrevistas, eu cheguei ao Museu do Amanhã. A sensação que eu tive é de ter sido muito aguardada e é uma sensação muito boa, muito gostosa. Eu me senti muito querida quando cheguei aqui. Quando eu cheguei eu conheci as pessoas, elas se auto descreveram para mim. Eu não sabia muito o que esperar quando chegasse aqui, eu não sabia o que estava me aguardando, mas eu estava muito (e como estou até hoje) muito aberta, a novos horizontes, novos olhares, enfim, eu fiquei muito feliz quando eu entrei aqui no Museu do Amanhã.

Aqui no Museu do Amanhã, no educativo onde eu atuo, nós temos diversos projetos dos quais alguns eu fui escolhida para estar como ponto focal. Dois deles, o projeto meninas de 10 anos, que encoraja meninas a ingressarem na área da ciência e a gente discutiu sobre mudanças climáticas/emergências climáticas. Eu posso dizer que a gente se engajou porque o projeto já está na sua etapa final. Porque eu gosto muito de lidar com crianças, sabe? É um público a qual eu tenho muita afinidade. E também o Entre Museus Acessíveis.

Na minha primeira semana, eu fiz minha primeira visita técnica que foi no Museu da República. Lá a gente conheceu a Isabel, fizemos uma reunião. E lá eu fiquei sabendo o que seria esse projeto “entre museus acessíveis”, e depois disso a gente fez a nossa visita técnica e a Isabel fez a nossa mediação.

Estar nestes projetos para mim foi muito gratificante. E o quanto eu tenho aprendido nesses projetos, saber que eu estou envolvida com acessibilidade, com a política, com a militância. Isso tudo foi de grande importância e crescimento para mim também não só como profissional, mas como pessoa.

No Entre Museus Acessíveis o que foi mais gratificante para mim, em primeiro lugar: foi ver o engajamento, perceber o engajamento das pessoas da comissão e também dos educadores que ficaram comigo ao longo desses meses, dessa jornada. Educadores que estavam dispostos a aprender ‘o que é audiodescrição?’, ‘como que eu vou descrever uma maquete?’, “como que eu vou descrever algo que é grande, que tem mais de 7 metros de altura?”. Perceber isso neles, para mim foi algo que me marcou, me sensibilizou. Saber que eu não estava sozinha em momento algum e saber que eles estavam tão próximos, juntos, acessíveis a acessibilidade atitudinal! Eu acho que é algo que me marcou muito.

E outro fator que me marcou foram as visitas em si. Quando eu captava público, quando eu chamava pelo whatsapp, quando eu conversava com as pessoas, quando eu pude conhecer pessoas pessoalmente das quais eu já falava a três anos dois anos pelo whatsapp. E saber que a gente pode se conhecer aqui, neste museu.

O que eu achei desafiador? O cosmos. Para mim a parte do Cosmos foi uma das etapas mais desafiadoras. Como eu cega... como que eu ia poder passar para as outras pessoas esse encanto que as outras pessoas sem deficiência têm quando chegam aqui no museu. Todo mundo sai muito maravilhado com as imagens, com... enfim, gente. É visocêntrico. E como que eu iria passar isso? Como seria passado?

Então, para mim isso foi um dos maiores desafios porque eu queria que as pessoas cegas e com baixa visão saíssem dali também maravilhadas, tipo: “Uaaau! Planeta terra! Universo! Sol! Estrelas!” _ Booom! Explosão _ Eu queria que as pessoas saíssem dali maravilhadas, encantadas. Nossa, gente! Esse é o Museu do Amanhã. É o museu do “pode”. Porque a gente escuta dos outros museus, e é uma frase que mexe muito comigo, mas, é falada pra todo mundo: “Não pode!” Não toque nas exposições.” “Não toque nas imagens!” “Não chegue perto!”... Isso é algo que pra mim dói. Por mais que seja uma fala simples. No meu caso falar sobre toque, é algo muito especial, muito sensível e delicado.

Na minha opinião, o meu sentido mais apurado de todos é o tato. Eu gosto muito de tocar, eu gosto de tocar as estruturas, eu gosto de tocar o mundo através da ponta dos meus dedos. E isso é muito meu, veio antes da alfabetização do sistema Braille. Quando a gente chega aqui no Museu, seja educador, seja funcionário, a gente faz visitas que a gente chama de integração, para conhecer o espaço onde estamos trabalhando. No meu caso, eu estive com a Camila Oliveira, que trabalha comigo e ela me levou para conhecer a exposição de um jeito diferente.

Então, por que diferente? Porque eu fui... além de ela ler aquilo que estava inacessível, ela lia, mas, eu pude tocar. Eu pude colocar a mão nos próprios totens, nas telas dos horizontes cósmicos, sentir a mesa do cubo da matéria é redonda, as mesas dos horizontes cósmicos são redondas, conhecer os cubos, passar a mão dos lados externos dos cubos, sentir as maquetes, e isso pra mim, foi de extrema importância e atenção.

Quando os visitantes chegaram aqui, a gente lançou mão de objetos mediadores e também das maquetes. Aqui no Museu do Amanhã, nós temos a maquete do território e do museu e no museu da República, a Isabel trouxe pra gente uma maquete que é do próprio museu. Ainda que a proposta não seja uma maquete tátil, isso fez uma diferença enorme para os visitantes. Porque o uso de objetos mediadores e maquetes táteis é mais um recurso, mais uma transmissão de informação daquilo que é muito grande que não está ao alcance da nossa mão.

Por exemplo, o Cosmos, ele é tão grande que eu nem sei quantos metros tem, mas, quando eu tenho uma maquete do Cosmos no formato de um ovinho deste “tamanho”, eu pude sentir onde a gente ia entrar, entende? Então, ele é mais um recurso como transmissão de informação e eu acho interessante eu usar até uma fala da Maria do Carmo, uma pessoa com baixa visão veio aqui e disse assim: *“É no toque que a gente se encontra na fala de vocês.”* Como ela veio de Niterói, ela pôde sentir a ponte Rio-Niterói e lembrar de quando ela passou de ônibus na ponte Rio - Niterói.

Outro fator que entra na parte do toque é a parte do afeto. Porque pra gente tocar numa estrutura, a gente precisa que

nossas mãos sejam guiadas. Então, quando um educador fala: “Me empresta sua mão, vamos tocar aqui juntos.” Tem também uma questão de relacionamento, não é simplesmente: “Bota a mão aí!”. É algo que ultrapassa tudo isso. E audiodescrição também é primordial, a audiodescrição por si só, não resolve. O toque por si só, não resolve. Mas, quando a gente tem a junção desses fatores e tem a questão da acessibilidade atitudinal atuando, vai fazer a diferença. Mesmo que estejamos “engatinhando”.

Então assim, pra fechar isso tudo. Nós tivemos as visitas, não só no Museu do Amanhã como no Museu da República, como também entendemos a cidade do Rio de Janeiro como um museu aberto. O nosso Rio respira História.

Bom, falar sobre isso pra mim, eu sou uma pessoa que perdi a visão muito cedo, aos 3 anos. Então eu não tenho muito bem essa...como posso dizer? Referência, talvez de lugares que são muito grandes, como a nossa cidade. Então, foi em um passeio de bicicleta que a gente fez, no próprio deslocamento para o Museu da República, da gente entender essa cidade com o um Museu a céu aberto e poder contar com os outros mediadores, com os outros educadores comigo, quando a gente mediava junto, quando a gente trocava junto. Então não era apenas eu Duda, falando, falando, jogando conteúdo. Não era isso que a gente queria, a gente não queria jogar um monte de informação histórica: “No século XIX, aconteceu isso, isso, isso... veio um Barão.” Não, não é sobre isso, mas, é experienciar.

Uma coisa é eu falar sobre a época do Brasil Império e a plantação do café. Economia do café, o Brasil estava exportando café, plantando café... Outra coisa, é quando a gente levava

um vidrinho e despejava nas mãos de cada visitante umas sementinhas e falava: “Vamos cheirar juntos?” “Huum! Cheiro de café!” “Nossa! Deu até vontade de tomar café!” “Café, né? Café! Toda reunião tem café!” “Quando a gente recebe visita em casa a gente oferece um café!” O que mais lembra você do café? Note a diferença. Então você está proporcionando ali outros sentidos a serem experienciados. A gente está falando da história de um ponto de um jeito mais legal, lúdico, mais dinâmico.

E outra coisa, não era só eu que estava falando, também não era só eu construindo um roteiro. Mas, eu estava junto com os educadores, cada um trazia uma fala, cada um trazia uma frase e juntos a gente fazia uma composição uma mediação diferente, uma mediação mais unida. Sabe? Então, eu acho que quando a gente está nesses espaços e quando eu Duda me entendo como educadora e me entendo como uma pessoa com deficiência, me entendo na rua, entendo que: Eu também posso pedalar uma bicicleta, como qualquer outra pessoa. Me entender também, como ser humano, como meu lugar na sociedade, é também falar das amizades.

Afinal de contas, eu tenho amizades com pessoas cegas, com baixa visão, com pessoas surdas, com pessoas ouvintes e videntes, com pessoas com outras deficiências ou com outras limitações. A partir do momento quando a gente “pensa em fazer com”, como diz a professora Marcia Moraes. Quando a gente faz junto, é muito melhor do que pessoas sem deficiência fazerem, prepararem o roteiro e dar pronto pra mim, “mastigado” pra eu avaliar. Do que quando a gente vai pensar em um roteiro junto, é isso que eu falo com os educadores quando dou ideias também de roteiros e a gente troca experiências.

Eu ensino, mas eu também aprendo. Eu aprendo com a minha equipe, mas, eu também aprendo com as visitas que chegam aqui. Eu ensino e aprendo quando tem visitantes com deficiências em geral, no Entre Museus Acessíveis, em outros tipos de visitas, mas, pra mim é como a gente aprende que a gente deve ocupar esses espaços. Espaços culturais, espaços como a rua, como os museus, que são nossos e são nossos por direito.



Para além da visita: reflexões sobre as interações público-museu com pessoas cegas e baixa visão

Liz Martins e Paula Scofano



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



Para a construção do nosso planejamento sempre levamos em conta o tempo. O tempo de preparo; da chegada, da mediação, das locomoções, do lanche, da saída... o tempo do tempo...

Entendemos que no momento que o visitante começa a se arrumar para sair de casa, o tempo já começa a ser contado não só no sentido formal do relógio, mas também de dedicação à atividade que será feita. Para além do transporte público ou transporte fretado — oferecido pelo museu quando as instituições/ grupos agendam a visita —, cruzar a longa Praça Mauá não é simples.

Nosso tempo formal se encontra quando recebemos o grupo: oferecemos um momento de água e banheiro; começamos a nos conectar com calma e mais atentamente com o grupo ali mesmo na entrada do museu. Se o grupo dispõe de acompanhantes ou não, isso interfere diretamente nesta duração, e percebemos que quando presentes, a visita flui de forma mais dinâmica e conseguimos fazer no tempo delimitado para a visita acontecer.

Isso porque cabe a nós educadores ficarmos atentos principalmente à narrativa e ao desenvolvimento da mediação junto aos objetos mediadores. Além disso, o tempo afeta diretamente nossa mediação, sempre procurando um balanço para que não fique desgastante nem para nós, nem para os visitantes.

Nosso tempo nunca foi o mesmo, às vezes ultrapassamos, às vezes cumprimos o esperado, mas sempre tendo a abertura de sua variação. Inclusive, em um dos lugares que fazemos a mediação, no Cubo da Matéria*, experimentamos colocar pequenos tecidos presos em nossos dedos, que são levados pela mesa com saída de ar da obra de arte ali exposta (*Fluxos***, uma escultura cinética de Daniel Wurtzel). Neste momento, os visitantes ao mesmo tempo que fazem uma intervenção nos tecidos da estrutura original, eles fazem parte da arte ali criada e ressignificam a obra *Fluxos*.

Com um dos grupos, quando soltamos os tecidos menores para descobrir qual movimento fariam, eles se enroscaram no meio da mesa e ficaram densos, não voando. Nem mesmo o vento e nosso sopro os impactou. O grupo ficou com uma certa tensão, assim como eu, torcendo para que os tecidos voltassem para sua dança, a qual muita das vezes nos tocam e são tocados... Tentamos alcançá-los mas a mesa é grande e delicada demais para um maior apoio.

O tempo parou... Até que tivemos a ideia de pegar a bengala da Duda (educadora do Museu do Amanhã, uma mulher cega) para dar um empurrão nessa dança, alçando e desenroscando aquele tempo parado. Este ato foi um pontapé para que os outros integrantes também descobrissem essa nova aplicação do objeto tão familiar. A bengala certamente não foi fabricada para tal função, mas naquele momento foi ressignificada por todos nós. Quando todos os panos voltaram a voar, o grupo comemorou, sentindo como se o tempo harmonizasse de novo.

O tempo que contabiliza os momentos, e que nesta publicação o tempo passado é recuperado pela memória; o aqui presente vira pretérito a cada instante; e o futuro pode ser incerto, mas certamente com novas possibilidades aqui traçadas.



* Cubo da Matéria: O cubo da Matéria é o primeiro dos três cubos da exposição que compõem “Quem somos?”. Um espaço que por fora é coberto de fotos do planeta terra, tirada de satélites, com as suas diferentes tonalidades. Já em seu interior, uma sala escura, temos justamente a obra de arte Fluxos** em seu centro, sendo ela composta por dois tecidos longos, um azul e outro branco, se movimentam acima de uma mesa redonda preta, iluminados por uma luz amarela no teto. Esta obra faz movimentos espiralados nunca iguais.

EXPERIENCIANDO O COSMOS

“Somos o vazio. Somos tempo e espaço.

Somos luz. Somos energia.

Somos matéria. Somos átomos.

Somos o Universo.”

Dentro do Portal Cósmico, primeira parte da Exposição Principal do Museu do Amanhã, o visitante é imerso numa projeção que percorre a formação de galáxias, o interior dos átomos e do Sol; assiste à formação da Terra e ao desdobramento da vida e do pensamento, manifestado pela arte. Acompanhar as diferentes reações e emoções proporcionadas através do conteúdo projetado nas enormes telas em 360° dentro do Portal Cósmico é um dos meus prazeres na hora da mediação, faço questão de ficar com o grupo até o final da projeção e assim consigo observar como o conteúdo do filme toca de forma diferente cada indivíduo, mesmo que estejam no mesmo grupo. A experiência no Portal Cósmico é sensorial, poética, motivadora e nos apresenta o Cosmos como uma totalidade evolutiva que continua em expansão. Porém, podemos constatar que a dimensão da estrutura do portal Cósmico e a obra fílmica que o compõe, abrange uma experiência visocêntrica⁴.

Para isso, é preciso buscar formas de experienciar o Cosmos para além da visão, e por isso o que ficou acordado entre a equipe de pessoas educadoras atuantes no projeto, é que a audiodescrição disponibilizada pelo museu não seria utilizada em nossa mediação, optamos assim por uma audiodescrição que estaria junto no desenrolar dos processos de mediação.

4. O visocentrismo, o predomínio do privilégio da visão, em relação aos outros sentidos, “igualar o ‘ver’ à normalidade, conferindo-lhe um status superior aos demais modos de percepção do mundo, e tornando-o o padrão pelo qual a sociedade se organiza” (Silva, 2020)

Dentro do Cosmos a equipe de pessoas educadoras se divide e se posiciona próximo à pessoa de forma que seja confortável para ambas as partes, e a audiodescrição é feita pela pessoa educadora no momento da exibição do filme. Através das etapas anteriores do roteiro da nossa visita, podemos nos aproximar melhor do grupo e assim perceber o perfil de cada visitante, e assim pensamos em como conduzimos esse momento da mediação. Pois, não é só conteúdo sendo passado, nem apenas a descrição das imagens que estão sendo projetadas é também passar emoção, despertar reflexões e sensações. Antes de ser uma audiodescrição intimista, é uma leitura diante da pessoa que está ali, escolhendo a melhor abordagem em que percebemos que seja mais acolhedora, interessante e dinâmica.

Além das imagens, a obra fílmica apresentada no Cosmos tem em seu roteiro uma narrativa poética, narrativa essa que por si só não contempla espectadores cegos e de baixa visão. Uma poesia que se complementa com as imagens e vice e versa.

Sendo assim, a audiodescrição se torna parte imprescindível da experiência. O fato de estarmos descrevendo de uma forma mais espontânea e intimista torna o momento mais confortável para que cada visitante possa expor suas impressões sobre o filme ainda no momento da exibição. Relacionando o conteúdo da obra com conhecimentos prévios de cada indivíduo, adquirido a partir de vivências pessoais.

Posso recordar aqui um exemplo desse momento que vivenciei em uma das visitas. Fiz a descrição do filme para duas pessoas de idades diferentes: Beth, professora, e Nathália sua aluna. No momento da exibição Beth se sentia à vontade para

fazer suas observações enquanto Nathália ficava mais quietinha, bem concentrada em minha voz, e na voz de Beth. Ao final da experiência, perguntamos a Nathalia a opinião dela, se havia gostado do filme e ela respondeu que sim e que havia conseguido entender muita coisa, principalmente porque tinha duas pessoas conversando com ela. Aqui podemos mensurar a importância da audiodescrição ser parte da mediação, pois proporciona momentos de trocas e, em minha percepção, não existe mediação sem troca.

A estrutura do Portal Cósmico é em formato oval, de cor preta que mede por volta de sete metros de altura. Para dimensionar o tamanho dessa esfera, Eduarda Emerick (educadora cega da equipe de educação do Museu do Amanhã) convida os visitantes a circundar a esfera utilizando suas bengalas. Por mais que a pessoa tente completar a totalidade da grande esfera, não será possível, até porque esta nem é a intenção da experiência.

Proporcionando uma experiência espacial e ao mesmo tempo sensorial, pois além de ter uma noção do tamanho desta esfera, percebemos sensações de surpresa e de emoção que envolve não só o reconhecimento espacial da área, mas uma auto-percepção de onde cada corpo está inserido neste espaço, inclusive quando se assiste o filme em seu interior.

“Somos o Universo.”, é o que diz a poesia narrada no Cosmos, mas aqui refletimos: que universo é esse? Para nós, universalidade é contemplar as diferentes formas de existências e vivências. Afinal, a experiência proporcionada por parte da equipe de pessoas educadoras que compõem o Entre Museus Acessíveis vai além de apenas descrever o local onde se passa o filme e o conteúdo apresentado. É uma ação que envolve diretamente uma

mediação humana⁵ e trocas de saberes e experiências individuais, tanto de pessoas educadoras quanto dos visitantes.



Para chegarmos a outros lugares: o momento do lanche coletivo

Para se construir a noção de pertencimento e experiência no museu, como já dissemos, não é só acessar o espaço. Pensando na totalidade da experiência, o que há de força no projeto é a sua viabilidade: longe de nos ser dada, ela é constantemente conquistada. Nesse sentido, como pensar a vinda dos diferentes grupos?

Além do transporte oferecido pelo próprio Museu do Amanhã e a mediação em si, no final de todos os nossos encontros tínhamos o momento do lanche, que com o tempo se tornou o famoso banquete. Banquete sim, afinal, o que fazemos é uma refeição solene com muitos convidados, festiva e pomposa, constituída por diferentes etapas: suco, sanduíche, fruta ou sobremesa.

Esse momento não é só uma questão alimentar necessária depois de cerca duas horas de mediação — sem contar com tempo

5. Segundo Jorge Mendes Soares (2003), “As características do trabalho da mediação humana em museus vem assumindo caminhos de uma metodologia de ensino que, segundo McManus (1992) “deve ser flexível e adaptável ao tipo de atividade e/ou ambiente menos estruturado do que a aprendizagem formal”.

de ida e futura volta —, é um tempo de fortalecimento de laços e troca, quando ouvimos comentários e opiniões sobre o projeto ou assuntos paralelos que ali se sentiam confortáveis de compartilhar.

Inclusive, em uma de nossas mediações, ficamos mais tempo no lanche do que no Museu da República, quando um dos integrantes do grupo não se sentiu bem dentro da casa. Contrastando com o espaço anterior, cheio de requinte e estruturas simétricas, fomos para o jardim, que nos acolheu com seu ar fresco. Uns sentados na grama, outros em cadeiras, foi curioso dividir espaço com os patos e gansos que lá vivem, causando uma desordem descontraída recebida pelo grupo.



Para saber mais — Referências Bibliográficas

Educação em museus: a mediação em foco/ Organização Martha Marandino — São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.

Silva, Manoela Cristina Correia Carvalho da. **Para além do visível : princípios para uma audiodescrição menos visocêntrica** / Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva. - 2019. 238 f. : il.

Soares, Jorge Mendes. **Saberes da mediação humana em museus de ciência e tecnologia** - Rio de Janeiro, Niterói / Universidade Federal Fluminense Programa de pós-graduação em educação, 2003.

Incisões de tumi ou percursos de elaboração do roteiro de visita do entre museus acessíveis com pessoas cegas e de baixa visão + Quipucamayoc: pequeno manual de leitura de um quipú

Diego Xavier



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



No percurso da pesquisa para elaboração deste roteiro, consultamos material bibliográfico e audiovisual de produção e participação de Camila Alves. Entre estes, Alves sublinha a relevância da mediação como experimentação. A acessibilidade estética, tal como denomina Alves, portanto, se fundamenta no encontro mediado pela obra, e não pela reprodução técnica. Neste sentido, a experimentação se distingue da informação. Seguindo esta trilha, percebemos que a mediação e a experimentação

também se diferenciam da tradução, isto é, da reprodução automatizada de discursos terceiros: narrativas curatoriais, intencionalidades de artistas, etc. A potencialidade da mediação encontra-se em sua independência criativa para, inclusive, estabelecer encontros com as exposições.

Neste roteiro articulamos interesses compartilhados entre integrantes da equipe de Educação sobre contação de histórias. Distinto dos caminhos percorridos até então em nossas pesquisas e práticas pedagógicas, este roteiro compartilha a contação de uma história criada por mentes e corações do corpo educativo do Museu do Amanhã.

A contação de história deve ser OUTRA forma de experimentação da Exposição Principal, ao articular temas abordados na referida mostra com outros objetos e estratégias de comunicação. Para tal, tanto a transmissão oral da história quanto a mediação com os objetos mediadores abordam, sob outra poética, os assuntos e questões levantadas na Exposição Principal: Criação do universo e da vida (no Cosmos); Presença humana composta por Matéria, Vida e Pensamento (Terra); Era geológica marcada pelas agressões e violações humanas (Antropoceno); Possibilidades de tecer novas relações com a Terra (Amanhãs); Compartilhamento dos conhecimentos sobre as dinâmicas da e na Terra (Nós).

A história que sustenta o fio deste roteiro encarna inspirações da equipe de Educação em narrativas, contos e mitos indígenas de distintas sociedades e tempos. A seguir, algumas destas inspirações:

Tumi [Inca]: Espécie de faca cerimonial incaica. Um dos símbolos da Medicina no Peru, proveniente da medicina ancestral dos Andes. Como parte do **acolhimento** no Museu do Amanhã, apresentamos o herói de nossa história: Tumi é um curador e transmite o diálogo entre distintos conhecimentos de cura da América.



Figura 1: Tumi (acervo do Museo Chileno de Arte Precolombino).

Descrição da imagem: Tumi do acervo do Museo Chileno de Arte Precolombino. É uma peça majoritariamente dourada com pedras azul turquesa cravadas. Na parte superior, há uma figura humana com uma espécie de chapéu em semicírculo sobre um rosto com olhos, nariz e boca. Seu corpo tem os braços abertos segurando círculos. Abaixo das pernas esticadas, há uma lâmina também em semicírculo. Esta peça está exposta numa sala escura com vitrines com luzes azuis.

Nanahuatzin [Asteca]: Na narrativa de origem entre os astecas, seres primordiais dotam o universo de materialidade ao saltar numa grande fogueira (energia concentrada). Das explosões ocasionadas pelos saltos (expansão de energia) se forma o universo. Nanahuatzin é o primeiro a saltar e, então, cria o Sol. Em diálogo com o curta-metragem exibido no **Cosmos**, contamos a transformação de Nanahuatzin como forma de sublinhar a relevância da tradição oral como plataforma de transmissão de conhecimento científico.

Nhanderuvuçu [Tupi-Guarani]: Tupã é o responsável por dar continuidade ao trabalho de criação de Yamandú. Tupã criou o espírito da Mãe Terra, que após ganhar as primeiras formas (montanhas, oceanos, continentes, etc.) teve Nhanderuvuçu. Este, antes de prosseguir com a criação dos seres vivos no planeta, quis saber como era viver na Terra. Para isto, conheceu e fundiu seu corpo com os de rochas, árvores e na onça. Nhanderuvuçu também foi o primeiro humano. No **Cubo da Vida**, mostramos quais espécies vegetais e animais Tumi incorporou para aprender a viver na Terra.

Maloca dos Cantos [Desana]: Durante a viagem de criação da humanidade no interior da Cobra Canoa, a embarcação para em distintas Malocas da Transformação. Entre elas está a Maloca dos Cantos, onde são distribuídos os idiomas à humanidade. Após incorporar na grande Cobra da Transformação, Tumi é levado até Maloca dos Cantos (há quem a chame de **Cubo do Pensamento**) e lá conhece vozes que traduzem a humanidade em muitos idiomas. Em paralelo, experimentamos as ligações sinápticas através de uma dinâmica com as mãos.

Queda do Céu [Yanomami]: Entre as páginas do livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert, está a denúncia do xamã Yanomami acerca dos riscos e efeitos nocivos da exploração predatória dos recursos naturais empenhada pela ocidentalidade capitalista. Ao conhecer as línguas da humanidade, Tumi também conhece seus sonhos no **Antropoceno**. Entre eles, vislumbra a queda do céu ocasionada pela fumaça de florestas queimadas, águas ácidas, rios poluídos, ar irrespirável, etc.

Pedra Sonora [Puri]: Em Mauá, nas cercanias da Bacia do Rio Paraíba do Sul, terreno ancestral de estabelecimento dos Puri, um indígena foi atingido por uma flecha inimiga que lhe atravessou o pescoço. Diante da impossibilidade de gritar por ajuda, golpeou uma grande pedra próxima, que ressoou e atraiu a ajuda do seu povo. Após conhecer os sintomas da enfermidade que aflige o planeta, no Antropoceno, Tumi também adoece e pede ajuda aos visitantes ao ressoar instrumentos indígenas, no **Amanhã**s.



Figura 2: Placa informativa sobre a Pedra Sonora, em Visconde de Mauá, RJ.

Descrição da imagem: Quatro placas de madeiras, uma sobre as outras, presas a uma estrutura também de madeira num ambiente de mata. A placa mais alta diz “Pedra Sonora. Segundo a lenda, aquele que bater na Pedra provocando a emissão do seu som característico, se livra de acontecimentos trágicos pelo resto da sua vida. O mesmo não se pode dizer daqueles que riscam e depredam a Pedra Sonora”. A placa de baixo tem escrito “Tombado pelo decreto municipal nº 043/1999 como Patrimônio Histórico e Paisagístico de Resende”. A terceira placa tem escrito “APA da Serrinha” e uma marca do IBAMA. A placa mais baixa diz “Não risque a Pedra. Assine o livro de visitantes”.

Quipú [Inca]: A historiografia ocidental afirma que os povos incaicos eram ágrafos, isto é, sem escrita. No entanto, há inúmeros vestígios de registros de narrativas de distintas naturezas nos quipús, além de informações contábeis. O quipú esgarça a definição ocidental de escrita e explora o registro histórico através, também, do tato. Explorando a ambiguidade da palavra “**Nós**” (que nomeia a última parte da Exposição Principal), convidamos os públicos a registrar coletivamente nossos debates e reflexões tecendo nós nas cordas do quipú.



Figura 3: Desenho de Felipe Guaman Poma de Ayala sobre uma pessoa que carrega um quipú nas mãos.

Descrição da imagem: Desenho sem cores de Felipe Guaman Poma de Ayala sobre uma pessoa que leva em suas mãos um quipú. A pessoa veste um chapéu com duas flores, um poncho e sandálias. No topo do desenho, uma escrita antiga incompreensível ao português. À esquerda abaixo, quadrados preenchidos por pontos, sem significado explícito.

Abrimos incisões com Tumi na Exposição Principal do Museu do Amanhã de terça a sábado.

+ Quipucamayoc: pequeno manual de leitura de um quipú

A palavra “quipú” é originária do vocábulo quechua⁶ que significa “nó”. Materialmente, o quipú é um conjunto de cordas de vários tamanhos, cores e texturas. É construído a partir de um espesso “cordão primário” de onde pendem outros fios mais estreitos, as “cordas secundárias” tecidas com materiais diversos. Nas “cordas secundárias” era entrelaçado um emaranhado de nós que registravam e comunicavam informações, contabilidades e narrativas durante todo o longo período de atividades do Império Inca. Dito isto, nos deparamos com uma polêmica: as historiografias hegemônicas no Ocidente afirmam, até hoje, que os Incas eram ágrafos, isto é, não possuíam técnicas de escrita. O que eram então as informações registradas nos quipús?

Os espanhóis estabeleceram o primeiro contato com os quipús em 1532 e logo identificaram neles uma plataforma de registro de dados numéricos, como safras de alimentos, contabilidade tributária, censos populacionais, etc. No entanto, certo conjunto de nós amarrados não dialogavam com este enunciado contábil porque não possuíam as formas de amarrações conhecidas.

6. Língua oficial do Império Inca e um dos idiomas nativos mais falados na América do Sul na contemporaneidade.

Assim, pela primeira vez, se concebeu que os quipús também guardam narrativas históricas e mitológicas, fazendo desabar a compreensão estreita de que a escrita se dá exclusivamente pela grafia de símbolos e caracteres sobre uma superfície sólida.

Os abalos na concepção ocidental acerca da escrita, porém, não foram suficientes para elevar uma completa compreensão dos mecanismos de registros através de nós na contemporaneidade. Até hoje este é um segredo guardado pelos quipucamayoq, um grupo de especialistas incas dedicado a traçar e comunicar informações nos quipús.

O objeto mediador que articulamos durante as experiências do Entre Museus Acessíveis (EMA) é uma réplica de um quipú. Na simulação que propomos às pessoas que visitam o Museu do Amanhã no contexto do EMA, os mecanismos de registros de narrativas se assemelham em parte aos quipús originais, mas também adquirem outras nuances. Cientes de que a leitura dos quipús do Museu do Amanhã não é uma prática familiar a amplos públicos, nos inspiramos nos quipucamayoq e descrevemos táticas de leitura de nós:

- **Passo 01:** Identifique a que tipo de informação é dedicado o quipú em questão. Os quipús podem guardar informações de distintas naturezas: registro de safras, contabilidade de tributos, narrativas históricas e mitológicas, etc. Estas funções são identificadas pelo material que constitui as cordas do quipú. Cordas feitas de lã podem conter números de um rebanho de lhamas, por exemplo. O caso específico do quipú do Museu do Amanhã é feito por cordas de vários materiais diferentes, desde lã a fios sintéticos, com espessuras,

comprimento e texturas diversas, entrelaçadas com cera e cola. Quipús deste tipo são dedicados a relatar experiências de visitas em museus.



Figura 4: Mediação com o quipú durante Entre Museus Acessíveis.

Descrição da Imagem: Educador do Museu do Amanhã, Diego Xavier, segurando um quipú com linhas coloridas, cercado por cinco pessoas que fazem nós nas cordas na Exposição Principal do Museu do Amanhã.

- **Passo 2:** Selecione uma corda. A constituição das cordas possuem significados. A combinação entre espessura, comprimento e textura comunica informações e, principalmente, afetos. Uma corda mais macia dialoga um sentimento agradável; outra corda muito fina pode indicar uma fragilidade. Se a corda é macia e muito fina, então esta é uma plataforma de registro de um bom sentimento, porém frágil.



Figura 5: Várias cordas e nós que formam o quipú.

Descrição da Imagem: Muitas cordas coloridas de um quipú com muitos nós sobre um fundo branco.

- **Passo 3:** Escolha a altura da corda onde será trançado o nó. Uma corda mais comprida acolhe mais nós e, portanto, maior diversidade de informações. A ordem dos entrelaçamentos podem obedecer a uma hierarquia ou cronologia dos registros. Um nó amarrado no topo dos fios, mais próximo à corda principal, permite representar um elemento mais importante ou mais antigo que os demais. No entanto, esta é uma possibilidade de anotação e não uma imposição. A espacialidade dos nós ao longo da corda possibilitam uma comunicação entre relatos. Nós próximos de outros também relacionam diálogos entre ideias, afetos, informações, etc.

- **Passo 4:** Decida o tipo de nó. Diversos nós são possíveis no quipú. Nó simples, nó longo, nó em forma de oito, nó pescador, nó borboleta... cada um destes transmite uma informação específica. Entre infinitas possibilidades, muitos nós simples sobrepostos podem significar união; um nó em forma de oito talvez seja algo tortuoso. Quem determina o significado do tipo de nó é a pessoa que o amarra. Por isso é imprescindível estar atento ao momento do registro no quipú.



Figura 6: Diferentes nós registrados no quipú.

Descrição da imagem: Sete cordas de diferentes cores do quipú com muitos nós distintos. À direita da corda principal branca, um adorno de cordas brancas. Foto sobre fundo branco.

- **Passo 5:** Ajuste o nó. A escala de firmeza dos nós nas cordas transmite a durabilidade ou intensidade da informação registrada. Noções de “muito” ou “pouco”, por exemplo, nem sempre tem a ver com quantidade de nós, mas com o tipo de conexão destes na corda.

Decifrando nós

O processo de leitura dos textos inscritos no quipú pressupõe a articulação entre variados aspectos do entrelaçamento de nós. As tramas do quipú do Museu do Amanhã registram relatos de experiências em visitas nas suas exposições. Assim sendo, os nós e seus respectivos significados que apresentamos a seguir transmitem afetos.



Figura 7: Um nó atado numa corda vermelha macia.

Descrição da Imagem: Uma corda vermelha aveludada com dois nós simples e um terceiro nó amarrado com muitos nós simples sobrepostos, em fundo branco.

Neste primeiro nó examinado foi escolhida uma corda de textura aveludada, que por ser macia traduz uma experiência de **conforto**. Outro aspecto relevante diz respeito a múltiplos nós simples sobrepostos, pois significa a **união** de muitos indivíduos. É possível ainda expandir esta interpretação: a soma dos nós simples formam um só nó de maior dimensão que os demais, o que indica um sinal de **coletividade**. Por último, nota-se que este laço foi amarrado bem firme, traduzindo assim uma vivência **intensa**. Atento às combinações de significados, este nó narra uma **experiência de visita confortável e intensa entre muitas pessoas**.



Figura 8: Amarração de um nó numa corda azul áspera.

Descrição da Imagem: Em destaque, uma corda azul com um nó frouxo em forma de 8 em fundo branco.

Outro registro em nó foi entrelaçado numa corda de textura áspera, pois os fios foram unidos com cera. A aspereza, neste caso, expressa uma experiência complexa, ou mesmo difícil. Ademais, este tipo de nó foi aprendido durante seu processo de registro, o que sustenta um significado de aprendizagem. Sua amarração mais frouxa pretende uma percepção tátil mais simples, sugerindo portanto que esta deve ser uma informação a ser divulgada a todas as pessoas. Traduzindo este nó, pode-se ler: desejo de dizer para todas as pessoas que aprenderam algo antes entendido como difícil ou complexo.



Museu da República: relato de experiência

Pâmela Mendes



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES

Em 1990, na África do Sul, o lema “Nothing about us, without us” (nada sobre nós, sem nós) passou a ser adotado por ativistas das causas das pessoas com deficiência para expressar que essas pessoas possuem autonomia de escolha, de pensamento, de ação e, sobretudo, direito a participação política nos assuntos que concernem a sua própria existência. A frase política reivindica a ideia do “fazer com”, em detrimento ao “fazer para”, uma vez que a preposição “com” implica elo, participação conjunta e ativa e se opõe ao “fazer para”, que condiciona à passividade quem é colocado como alvo de recepção (MORAES, ALVES, 2022).

Apesar dos avanços jurídicos - leis e direitos - ainda encontramos em um quadro no qual a racionalidade moderna eurocêntrica,

por meio de uma visão dicotômica sobre o mundo - civilizado versus primitivo, desenvolvido versus atrasado -, instituiu ideias socialmente posicionadas de “normalidade” e “anormalidade” a partir de modelos comparativos ideais, como o Homem Vitruviano (1490) de Leonardo Da Vinci (GROSFOGUEL, 2016).

Tais medidas comparativas, por sua vez, também foram apropriadas por modelos médicos que passaram a compreender a lesão como falta e, no contexto de uma sociedade produtivista e de responsabilização individual, afastou da ideia de eficiência determinados corpos que pré fixou como “de-ficientes”.

Pela minha formação no campo da História, a historicização das ideias e implicações sociais das mesmas são assuntos que primeiro me vem à mente quando penso na palavra “acessibilidade”, já tão associada e quase um sinônimo para “deficiência”. A ativação das perguntas “Por que? Desde quando? De que maneira?”, são tão inevitáveis quanto norteadoras para o entendimento da marginalização histórico-social de determinados sujeitos. Tornar acessível, no infinitivo, implica o inacessível no presente, e podemos encontrar respostas para essa realidade simbólico-material de exclusão ao nos voltarmos ao passado.

Tratando de ações no agora, enquanto educadora museal integrante do projeto “Entre Museus Acessíveis” ao longo de cinco meses, a questão “Como?” se fez ainda mais latente: “como criar um roteiro para pessoas cegas e pessoas surdas das mais variadas idades e contextos sociais?”, “como transpor de modo didático e acessível conhecimentos de diversos campos do saber?”, “como corresponder a expectativas e estimular o interesse de pessoas que nunca foram a um museu?”, “como

proporcionar uma experiência acolhedora?”, “como trabalhar os conteúdos em uma exposição visocêntrica?”, “como mediar em espaços sem acessibilidade arquitetônica e diversas barreiras físicas?”, “como construir com e não construir para?”.

Diversos foram os desencontros e encontros com estas e outras questões. Mais do que respostas, entendi o potencial dos mal-entendidos promissores da filósofa Vinciane Despret e do “aleijamento” dos espaços museais do linguista Robert Mccrue, como ensinados por Camila Alves e Marcia Moraes ao longo das formações dadas à equipe do setor de educação do Museu do Amanhã.

EXPERIÊNCIAS

Durante os dois anos em que atuei como estagiária do setor de educação do Museu da República (MR) tive a feliz orientação da responsável pelo setor, Ana Paula Vianna Zaquieu, na exploração do espaço pela perspectiva da história social e da república que o palácio não mostra, uma república de mulheres, de negros, indígenas, em suma, de corpos violentamente e simbolicamente excluídos. Já educadora no Museu do Amanhã (entre abril e setembro de 2022), também nos orientou a escolha por narrativas alternativas, que fugissem à obviedade e as ideias e questões pré estabelecidas pelos modelos curatoriais. No que tange as nossas visitas ao Museu da República - em companhia e complementação as visitas da curadora Isabel Portella - tanto nos grupos com pessoas cegas com a minha companheira de mediação e trabalho Eduarda Emerick - carinhosamente conhecida e tratada por Duda - como com grupos de pessoas surdas com o meu grande parceiro de projeto Bruno Santos,

também optamos por esta mesma perspectiva, a de uma história “vista de baixo” (THOMPSON, 1987).

Nas visitas com Bruno, exploramos o visual (com imagens), a ação (com a dança e o convite a dinâmicas de perguntas e respostas diante do grupo), prezando pelas intervenções estéticas e com o uso de classificadores da Língua Brasileira de Sinais a fim de significar nossa abordagem histórica — em ambos os museus — e, por meio desta transposição didática, unir os “desencontros narrativos” que surgiam desses encontros. Como quando um grupo escolar de jovens surdos compreendeu que as imagens, pinturas e esculturas relacionadas a mitologia greco-romana espalhadas pelo palácio eram representações de histórias bíblicas. Algo que, em se tratando de história da religião, sabemos ser plenamente possível de correlação uma vez que o cristianismo bebeu em fontes pagãs nos primórdios de sua estruturação enquanto religião.

Levamos para o Museu da República em alguns casos, como para crianças, imagens representativas de um passado patriarcal e escravocrata da monarquia brasileira, período histórico no qual o Palácio foi construído e habitado enquanto residência familiar. Mulheres e homens com vestimentas de época em um ornamentado baile, pessoas negras em plantações de café, imagens de cortiços do século passado, uma reunião presidencial apenas com a presença de homens, entre outras, foram fotografias que buscamos relacionar com espaços como o salão ministerial, o salão nobre, salão de banquetes e com a própria arquitetura do local.

Já no Museu do Amanhã, o convite o envolvimento dos pais e as dinâmicas em roda e contação de histórias em alguns

espaços expositivos como o Cubo do pensamento, Antropoceno e Nós foram proposições didáticas escolhidas de acordo com o grupo, momento e tempo da mediação encontro.

Sob a orientação de Camila Oliveira e Herica Lima, gerente e supervisora do setor de educação do museu do amanhã respectivamente, fomos conduzidos a explorar estes e outros objetos mediadores na realização das visitas e proposição dos roteiros. Em se tratando do Museu da República, uma farda militar, charutos, objetos de costura, um pequeno oratório, sementes de café e música compunham a nossa mala do tempo (uma mala estilo “vintage” que usávamos para transportar nossos objetos entre os museus).

Em visitas realizadas com Duda Emerick (educadora do Museu do Amanhã e mulher cega) na mediação com grupos de pessoas cegas, por meio da música, abordamos a cultura erudita e popular, contrastamos o famoso maxixe “corta-jaca” a músicas de Wagner e, no salão ministerial, o som de “mato” de um ambiente bucólico e residencial, como o cenário do quadro A Pátria (1919), era oposto a um som de extremo burburinho e conversas paralelas, como a sensação que nos transmite a assembleia representada no quadro Compromisso Constitucional (1896).

Não foram poucas as vezes em que o roteiro apenas existiu no papel. Fato é que nenhuma visita foi igual a outra. E nem poderia ser. Foram os “desencontros” entre expectativa e a realidade que me mostraram isso. A cada grupo a relação com os objetos e com a nossa proposta narrativa foi ressignificada; a cada criança, adulto e idoso, a experimentação e construção de um roteiro conjunto, ali, no ato e ação experimental, fez-se não concretude, mas fluidez.

Como proposto pelo filósofo Paul Valery em “O Problema dos Museus” (1931), a erudição e hipóteses excessivas que tornam os museus “bibliotecas ilimitadas” podem “transformar Vênus em um documento”, mas não um documento aos moldes bloquianos, um monumento-documento que nos revela o passado, mas um documento duro e monolítico, fechado em uma erudição que cerceia a experiência. Experiência que muda de público a público e significados que não se constroem com hipóteses a priori, mas na mediação-encontro.

Em certo episódio, ao passarmos uma sineta, em alusão ao mesmo objeto presente no quadro Compromisso Constitucional (1886) — muito usado outrora para pedir silêncio e ordem em reuniões —, duas senhoras negras, uma mulher cega e uma acompanhante, imediatamente revelaram conhecer o objeto “das casas em que trabalharam” e relatar suas experiências enquanto trabalhadoras domésticas. Com um uso distinto - mas ainda enquanto marcador de diferenças e de poder - nesses locais, a sineta era usada para que patroas e patrões chamassem aos empregados.

De modo também não programado, por vezes, o antigo quarto de Getúlio Vargas nos revelou um local de exploração de conteúdos não previstos, que somente pelo encontro foram possíveis de acontecer. Assim como a necessidade de passarmos menos tempo no palácio e mais tempo no jardim, correndo com as crianças atrás dos patos, atravessando pontes sobre lagos e escalando chafarizes, ou a interação que os profissionais da segurança do Museu da República, trabalhadores terceirizados, estabeleciam com a nossa mediação - sobretudo a temas

sobre racismo -, diversos foram os nossos encontros em cena, não ensaiados em bastidores. Deste modo, o que por vezes vi como desencontro, por fim mostrou-se encontro promissor e engano necessário. Eram nas visitas que fazíamos com e não na preparação *para* as mesmas, que nossas histórias surgiam.

Os manuais, em geral, têm servido como um dispositivo de informação como garantia de uma trajetória incerta, de uma trajetória que é feita no encontro COM o outro e não SOBRE ou PARA o outro somente. Fato é que os manuais não tratam de histórias, os guias não tratam de histórias, eles tratam do que está pronto e histórias não estão prontas. Histórias estão sempre por vir, histórias só se dão no encontro (Franco, 2016; Manso, 2016 Apud ALVES; MORAES, 2019)

Tivemos também muitas primeiras vezes. Em grande parte, nosso público foi composto por pessoas que nunca visitaram um museu ou que não costumam frequentar espaços culturais. Neste sentido, ainda que contássemos ao longo de nossa trajetória com a presença de profissionais cegos e surdos e as medições fossem realizadas por Duda, mulher cega, e Bruno, homem surdo, as especificidades de classe, raça e capital cultural do público participante e o reflexo de uma exclusão sistêmica — que com uma narrativa de responsabilização individual, julga não realizar “o desmonte de barreiras” pelo “desinteresse” de quem deixa de fora —, atravessaram nossas.

Foi neste momento em que nosso aleijamento, em alusão a Teoria Crip (teoria aleijada em tradução livre) se fez necessária, ou seja, nossa resiliência a novas perspectivas de experienciar o nosso ambiente de trabalho e espaços museais, provocando

também o “aleijamento” destas instituições como proposto por Camila Alves em nossa formação, uma vez que, como afirma Robert McRuer (2006), um dos autores expoentes dos estudos crip, corpos identificáveis como não normativos, ou seja, corporeidades não hegemônicas são, em realidade, corpos que experienciam de modo distinto e em dissonância as performances de normatividade.

Pensar a partir do que não estava nos espaços expositivos, dos significados atribuídos, de um viés político e anti sistêmico, da acessibilidade atitudinal e, sobretudo, dos mal-entendidos promissores, como afirma Marcia Moraes (2010), “justamente porque abre outras vias de realização para um fenômeno; abre, enfim, uma bifurcação, ali onde parecia haver uma certa ordenação estável de coisas” (apud LOMBA; LIMA, 2020) foram os encontros possíveis entre minhas dúvidas e a nossa prática educativa.



Para saber mais — Referências Bibliográficas

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Marcia. **Proposições não técnicas para uma acessibilidade estética em museus: Uma prática de acolhimento e cuidado.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 19, n. 2, p. 484-502, 2019.

ANDRADE, Camila de Oliveira; ALVES, Camila Araújo. **Educação Museal e Acessibilidade: o que aprendemos com a deficiência?.** Revista Docência e Cibercultura, v. 6, n. 4, p. 266-274, 2022.

GOMES, Hilda; REIS, Bianca; SOARES, Ozias (org.). **Educação museal e acessibilidade.** Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2021.

GROSFOGUEL, Ramón. **Racismo/Sexismo Epistêmico, Universidades Ocidentalizadas e os quatro Genocídios/Epistemicídios ao longo do século XVI.** Tabula rasa, n. 19, p. 31-58, 2013. LOMBA, Debora Emanuelle Nascimento; LIMA, Thiago de Sousa Freitas. Bons encontros promissores: parcerias e travessias no PesquisarCOM. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 15, n. 3, p. 1-11, 2020.

MOREIRA, Felipe. **Corporalidades não-hegemônicas em intersecção: a experiência da teoria Crip. Corpos, poderes e processos de subjetivação: discursos e práticas na cultura contemporânea,** p. 253.

VALÉRY, P. (2008). **O Problema dos museus .** ARS (São Paulo), 6(12), 31-34.

Representatividade, coletividade e pertencimento: sobre os relatos de participantes do projeto

Paula Scofano



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



A presente estrutura se constrói a partir de uma série de relatos que nos foi compartilhado. Esta partilha foi intermediada por Eduarda Emerick, mais conhecida como Duda, educadora do Museu do Amanhã, e com Leonardo Oliveira, membro da Comissão nesta publicação aqui citado, que foram os principais convocadores dos grupos de pessoas cegas/baixa visão por parte do Setor Educativo do MDA.

Muito do que era trocado e combinado foi feito de maneira informal, via WhatsApp. Isso nos traz alguns questionamentos: será que esses relatos chegariam dessa forma se fossem por meio de um canal formalizado? Devemos pensar em outra forma

de canal tão confortável quanto? Apesar dessas questões, é certo que a informalidade e a praticidade do uso do aplicativo são essenciais. Além disso, não é coincidência que Duda e Léo tenham sido as pessoas a receberem e a consolidarem os laços ali formados previamente, posteriormente mudados. Nisso, a Representatividade, Coletividade e Pertencimento são chaves para se entender os muitos processos que o projeto envolve, sendo aqui discorridos.

A maioria dos relatos recebidos vieram em formatos de áudio, gravados em ambientes calmos e confortáveis; os mesmos não foram cobrados; começou como uma vontade e necessidade dos participantes do Entre Museus Acessíveis. Os participantes que nos enviaram separaram um momento para fazê-lo, para dedicar-se à retomada das lembranças e emoções. Alguns dos relatos foram gravados e escritos no mesmo dia, outros em um tempo mais distante.

Apesar das diferenças temporais, o fato de puxar da memória o que lhes marcou e o que é escolhido para se compartilhar nos é basilar para pensar sobre os mesmos: a memória é algo seletivo, afinal, para lembrar devemos esquecer. E quando falamos de uma experiência que vai muito além de um simples passeio ao museu, rege uma série de questões que aqui serão discutidas, e esta memória que nos é partilhada vai ser crucial para o nosso entendimento da experiência do projeto. A partir disso, tópicos como o tempo, o momento para lanchar, o toque, os objetos mediadores e a própria expografia do museu estão nesta publicação apresentados.

Para nós educadores, o resgate da memória também se faz presente nesta publicação. Lembrar dos grupos e de suas especificidades são fatores essenciais para a estruturação de nossas escolhas. A teoria aplicada nas visitas se materializou na experiência e a experiência compõe outras formas de imaginar a teoria. Observar o que deu ou não certo para uma pessoa/grupo e suas nuances, nos foi dado por meio dos relatos, mas para além disso, nós, como profissionais da educação, colocamos aqui nossas opiniões e análises que só foram possíveis pela existência dos compartilhamentos e relações estabelecidas durante os encontros.



Entre Museus Acessíveis: um relato

David Alfredo



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code nesta página e acesse a tradução em Libras e a narração desse capítulo.



Muitas são as possibilidades de conexão entre pessoas e instituições. Inúmeras são as camadas de informações que pequenos trechos de uma mesma cidade podem sobrepor. Poucos são os convites reais à patrimonialização de uma cidade. Nossas cidades são nosso patrimônio? Quanto do repertório de nossas cidades nos são apresentados? As diferentes memórias de nossas cidades são cuidadas e passadas às próximas gerações? Essas são perguntas importantes para começarmos a refletir sobre como e o quanto guardamos das informações de uma cidade, principalmente uma cidade como o Rio de Janeiro, que, embora seja o lugar que mais consta nos livros de história do Brasil, vive em constante e ininterrupta transformação urbanística e arquitetônica. Certa vez uma griot me disse:

“Esse lugar não foi feito pra guardar memória. Foi criado para servir de fazenda e mina para outro continente, mas colocaram gente aqui e gente gosta de construir memória”. A história escrita é uma tecnologia de informação mas também uma tecnologia de dominação. Numa sociedade em que, até outro dia, mais da metade dos adultos era analfabeta, os alfabetizados que escreveram a história na cidade escolheram o que gostariam de contar e anularam sistematicamente o que não queriam que fosse contado. Nesse sentido, não apenas as memórias foram apagadas mas outras histórias escritas também foram e, assim, nossas memórias sobre nossa cidade foram remodeladas. Quando fui convidado para participar do Entre Museus Acessíveis como educador/facilitador eu tinha uma ideia muito superficial sobre como a experiência sobre a cidade se daria. Afinal, esse tem sido meu ofício há mais de uma década.

O que eu não sabia era que trabalhar a história e as memórias com o público-alvo desse programa seria um desafio tão difícil e de intenso aprendizado. Primeiro desafio: Trabalhar pontos específicos da cidade, entre o Museu do Amanhã e o Museu da República, e interligá-los no tempo histórico e no espaço. As mudanças no terreno carioca não obedecem a nenhuma ordem linear no tempo e nem no espaço.

Segundo desafio: Para um educador acostumado a prender pela fala e pelas narrativas, não ser ouvido ou não ser visto é senhor desafio. Sem a participação e colaboração real dos intérpretes de Libras seria impossível compartilhar reflexões sobre a história da cidade do Rio de Janeiro e de suas escolhas políticas no decorrer dos últimos três séculos. Sem a colaboração

e dicas didáticas de outros educadores seria impossível elaborar um entendimento geográfico mais aprofundado sobre os trechos por onde passamos. Afinal, trocávamos informações e percepções a respeito das transformações da orla carioca, que, em alguns trechos, avançou quase um quilômetro sobre a baía de Guanabara. É algo que conseguimos realizar com os olhos, mas (creio eu) muito complexo quando não enxergamos.

Terceiro desafio: Pedalar durante três horas, por aproximadamente três quilômetros, com pessoas cegas e/ou surdas (algumas jamais haviam subido em uma bicicleta). Esse desafio foi amenizado brilhantemente pelo belo trabalho de articulação e logística da Transporte Ativo (parceiro para realização das visitas com bicicletas). Sem o trabalho e dedicação dessas pessoas a magia não teria se concretizado. O que mais me preocupou foi conseguir compartilhar e receber reflexões com os surdos a partir dos dados históricos apresentados em cada uma de nossas paradas. Em uma das edições, um grupo de adolescentes não sabia Libras tão bem. E mais! Estavam em estágios iniciais da educação básica. Faltava não só um repertório histórico mas também alguma vivência no espaço por onde passeávamos. Eram de Duque de Caxias, na região metropolitana, e, mesmo assim, nem a própria cidade eles conheciam tão bem. Foi nesse momento de instabilidade que ficou ainda mais clara a importância de um educador surdo para tomar a frente ao perceber que a comunicação não estava acontecendo tão bem.

Eu estava ali compartilhando o que eu aprendi e era importante porque sabemos que as escolas e, principalmente as famílias dos surdos esbarram na barreira comunicacional, o que impede que as

memórias sobre a cidade sejam assimiladas por essas pessoas. Mas o que eu entendo como interessante no Entre Museus Acessíveis é duas instituições se conectarem não pelo que há dentro mas pelo território que os conecta.

Nesse território há pessoas dos mais diferentes espectros e com os mais diferentes mecanismos de acesso à cidade. Se museus são pequenos espaços de representação de realidade e se nesse território há pessoas com deficiências de todo tipo, nada mais justo do que ter representantes dos diferentes mecanismos de acesso. As limitações visuais, auditivas e de locomoção não dificultaram a comunicação.

Certamente, toda e qualquer dificuldade é resultado do quanto escolhemos determinadas narrativas, ferramentas e linguagens para comunicar aquilo que é acessível a todas as pessoas. Só posso agradecer ao Museu do Amanhã, ao Museu da República e às suas equipes de educação por proporcionar tal experiência a quem dela fez parte.





03

CRÉDITOS

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO - IDG / MUSEU DO AMANHÃ

Patrocinador

Fondation Engie

Realização

IDG | Museu do Amanhã

Diretor Presidente

Ricardo Piquet

Diretora do Museu do Amanhã

Bruna Baffa

Diretora de Governança e Gestão

Simone Rovigati

Diretora de Negócios e Parcerias

Julianna Guimarães



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO

Gerente de Educação

Camila Oliveira

Supervisora de Educação

Hérica Lima

Analista de Educação

Darlan dos Santos

Educadores

Bruno Baptista, Eduarda Emerick, Diego Xavier, Jéssika Santana,

Júlia Mayer, Liz Martins, Pamella Provenzano, Paula Scofano,
Sandro Teixeira e Thamiris Marques

Intérpretes de Libras

Cássia Maia e Igor Mesquita

Auxiliar de Educação

Nicolle Soalheiro



PROJETO

Idealização

Camila Oliveira

Laura Taves

Museu parceiro

Museu da República - IBRAM

Coordenação Editorial

Camila Oliveira

Comissão Entre Museus Acessíveis

Bruno Ramos

É um homem negro, surdo, ator, poeta, educador, professor de Libras e consultor em acessibilidade em espaços culturais. É Mestre em Estudos de Tradução (UFSC) e Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bruno integrou a equipe de educação do espaço cultural Oi Futuro, no Rio de Janeiro, como educador museal.

Camila Alves

Psicóloga Clínica especializada em Terapia Corporal Reichiana. No campo social atua como consultora em acessibilidade e é ativista

pelos direitos das pessoas com deficiência. É Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal Fluminense, onde atualmente cursa também o doutorado. Como pesquisadora seus campos de interesse estão nos estudos da deficiência, gênero e animais.

Hilda Gomes

Bióloga, atua no Museu da Vida desde 2006 como educadora. Mestre em Educação (UFF). Integra o GT de Acessibilidade MV, o Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência, Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça Fiocruz. Atualmente faz parte da Comissão do Projeto Entre Museus Acessíveis do Museu do Amanhã. É docente dos programas de pós-graduação lato sensu da Fiocruz: Divulgação e Popularização da Ciência/COC; Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão/DIHS/ENSP; Ciência, Arte e Cultura na Saúde/IOC. Coordena junto com Aline Pessoa/COC, o Projeto Meninas Negras na Ciência: a divulgação científica como estratégia de promoção da saúde, cidadania e empoderamento. Tem publicações nestes campos de atuação.

Isabel Portella

Museóloga e crítica de arte, doutora e mestre em história e crítica da arte pela Escola de Belas-Artes/UFRJ, especialista em história da arte e arquitetura do Brasil pela PUC-Rio. Coordenadora e curadora da Galeria do Lago Arte Contemporânea do Museu da República (IBRAM). Coordenadora do GT de Acessibilidade do Programa Nacional de Educação Museal do IBRAM. É membro do International Council of Museums – ICOM.

Leonardo Oliveira

É um homem cego, educador e consultor em acessibilidade em espaços culturais, tendo grande atuação no Museu Histórico Nacional. Atualmente é bolsista pesquisador no Museu da Vida/Fiocruz nos campos da acessibilidade e educação.

Marcia Moraes

Doutora em Psicologia pela PUC/SP. É Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, ministrando aulas na graduação e na pós-graduação strito sensu - mestrado e doutorado. Desenvolve pesquisas e atividades de extensão no campo os estudos da deficiência, em especial com pessoas com deficiência visual, fazendo uso de métodos e referenciais de investigação orientados pelos estudos da deficiência, em particular, na perspectiva feminista. É autora de diversas publicações no campo dos estudos da deficiência. Coordena o Laboratório PesquisarCOM: Pesquisas e Intervenções em Psicologia (UFF). É pesquisadora Cientista do Nosso Estado (Faperj).

Rafaela Vale

É uma mulher surda, negra, pedagoga, doula pela EPSJV e apresentadora da TV INES, canal de TV brasileiro com conteúdo pioneiro no Brasil feito para atender a pluralidade de público e conteúdo 100% acessível à comunidade surda.

Valéria Abdalla

Graduada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestra em Comunicação Acessível pelo Instituto Politécnico de Leiria (IPL). Atualmente atua no Núcleo de Exposições do Museu Histórico Nacional, do Instituto Brasileiro de Museus.

Educadores proponentes de práticas mediadas

Bruno Baptista

Diego Xavier

Eduarda Emerick

Liz Martins

Pamela Dias

Paula Scofano

Intérpretes de Libras

Igor Mesquita

Cássia Maia

Juliete Viana

Educador e Historiador dos percursos externos

David Alfredo

Identidade Visual e Design Gráfico

Katherine De Franco

Legenda e Transcrição dos vídeos

Adriano Fregonassi

O Museu do Amanhã agradece a todes que contribuíram para a concepção e realização deste projeto, especialmente a Fondation Engie, ao Museu da República, aos membros da Comissão Entre Museus Acessíveis, aos educadores e intérpretes de Libras, à equipe Transporte Ativo e Pedala Junto, e todas as instituições parceiras e participantes do projeto.

ENTRE MUSEUS ACESSÍVEIS



Museu do **Amanhã**

Fondation **ENGIE**